

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

**QUEM FAZ A EDUCAÇÃO EM SANTA MARIA:
PERFIS DE SEIS PROFESSORAS DA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO**

PROJETO EXPERIMENTAL

Luana Soares Mello

Santa Maria, RS, Brasil

2017

**QUEM FAZ A EDUCAÇÃO EM SANTA MARIA: PERFIS
DE SEIS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO**

Luana Soares Mello

Projeto Experimental apresentado ao curso de Comunicação Social –
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como
requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação
Social – Jornalismo.**

Orientadora: Prof^a Dr^a Ada Cristina Machado Silveira

**Santa Maria, RS, Brasil
2017**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Comunicação Social – Jornalismo**

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova o seguinte Projeto
Experimental

**QUEM FAZ A EDUCAÇÃO EM SANTA MARIA: PERFIS DE SEIS
PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO**

elaborado por
Luana Soares Mello

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo

Comissão Examinadora

Prof^ª Dr^ª Ada Cristina Machado Silveira (UFSM)
(Presidente/orientadora)

Prof^ª Dr^ª Viviane Borelli (UFSM)

Mestre em Comunicação Marlon Santa Maria Dias (UFSM)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, a pessoa que sonha todos os meus sonhos comigo e que sempre se esforçou para que eu tivesse o melhor da vida.

Ao meu pai que, tenho certeza, será (já está sendo) um professor de História incrível, formador de sujeitos, amigo de seus alunos.

À minha avó Edi, minha segunda mãe e à minha tia Denise, minha terceira mãe. Duas mulheres maravilhosas que tenho em minha vida e que sempre ajudaram, de todas as formas, para que eu tivesse a melhor educação possível.

Às minhas amigas Mariane e Paola, que estão na minha vida há mais de dez anos e passaram comigo também por essa fase fã de Paulo Freire.

Às momos que a faculdade me deu, Aline, Clara e Gabriele. Vocês tornaram esses anos de Jornalismo os melhores (e mais sem carnes) que eles poderiam ser.

À Secretaria de Município da Educação de Santa Maria e todas as pessoas com as quais convivi lá, que me mostraram uma realidade que me encantou e deu luz a este trabalho.

À professora Ada, que me trouxe a ideia de trabalhar com a educação em meu Trabalho de Conclusão de Curso e me acompanhou durante a jornada destes perfis.

A cada uma destas seis professoras que concordaram em dividir suas histórias comigo. Christiane, Janete, Liliana, Marcia, Maria Ivonete, Vanessa, muito obrigada.

- Mas como educar o povo?
- A fim de educar o povo, são necessárias três coisas: escolas, escolas e escolas.
- Mas o senhor mesmo disse que o povo se encontra num nível baixo de desenvolvimento material. Que ajuda as escolas trariam ao povo?

[...]

- Darão ao povo outras aspirações.

(Anna Kariênina – Liev Tolstói)

“Claro, para ela, as palavras carregavam a verdade, eram dotadas da força misteriosa de transformar o mundo.”

(Paixão Pagu – Patrícia Galvão)

RESUMO

Projeto Experimental
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
Universidade Federal de Santa Maria

QUEM FAZ A EDUCAÇÃO EM SANTA MARIA: PERFIS DE SEIS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

AUTORA: Luana Soares Mello

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Ada Cristina Machado Silveira

De que forma a educação pública é vista por aqueles que a vivenciam do lado de dentro? Quais motivações levam professores a escolher a realidade das salas de aula? A educação tem o poder de mudar a realidade dos alunos? Este Projeto Experimental surgiu destes questionamentos e encontrou nos perfis a melhor forma de apresentar algumas respostas. Neste formato, de maneira humanizada, o foco da narrativa jornalística é direcionado a um personagem específico, que neste caso, contou sua história por meio de entrevistas. Então, neste trabalho nós teremos seis perfiladas, seis professoras, que compartilharam um pouco de suas experiências com o ensino, suas vitórias, dificuldades e motivos para acreditar na educação.

Palavras-chave: Educação. Perfil. Humanização do relato.

ABSTRACT

Experimental Project
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
Universidade Federal de Santa Maria

WHO DOES THE EDUCATION IN SANTA MARIA: PROFILES OF SIX TEACHERS FROM THE CITY'S MUNICIPAL EDUCATION SYSTEM

AUTHOR: Luana Soares Mello

ADVISER: Prof^a Dr^a Ada Cristina Machado Silveira

In what way the public education is seen by those who live in the inside of it? Which are the teachers motivations to choose the reality of the classroom? The education has the power to change the student's reality? This Experimental Project come up from this questions and found in the profiles the best way to achive some answers. In this format, in a humanized way, the jornalistic narrative focus is directed to a specific character, which in this case, told its history through interviews. So, in this work we are going to have six profiles, from six teachers, which shared a little of their own experiences with the education, its victories, difficulties and reasons to believe in education.

Key-words: Education. Profiles. Humanized stories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A EDUCAÇÃO E O SEU PODER DE MUDAR REALIDADES .	12
2. O JORNALISMO QUE HUMANIZA	14
2.1. Perfil – a história de alguém	16
3. O PROJETO EXPERIMENTAL	18
3.1. O produto – Perfis	18
3.1.1. Educar pelo amor.....	18
3.1.2. Educar pela amizade.....	20
3.1.3. Educar pelo exemplo	22
3.1.4. Educar pelos ideais	25
3.1.5. Educar pela experiência	27
3.1.6. Educar pela superação	29
3.2. Reflexão sobre o desenvolvimento dos perfis	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
APÊNDICES	43
Apêndice A – Lista fechada de perguntas feitas às perfiladas	43
Apêndice B – Transcrição entrevista Vanessa Flores	44
Apêndice C – transcrição entrevista Marcia Beck	51
Apêndice D – Transcrição entrevista Christiane Diehl	55
Apêndice E – Transcrição entrevista Maria Ivonete Siminoni	59
Apêndice F – Transcrição entrevista Janete Wouters	62
Apêndice G – Transcrição entrevista Liliana Pincolini	68

Introdução

O que faz com que professores, que passam por muitas dificuldades, continuem a acreditar na educação e se doar para ela? Foi a partir desta curiosidade e dos quase dois anos que estagiei na Secretaria de Município da Educação de Santa Maria que os perfis deste trabalho começaram a se moldar. O jornalismo costuma proporcionar a vivência de diversas situações e, a mim, com esse estágio, permitiu conhecer uma realidade com a qual nunca tinha tido contato, a das escolas públicas municipais.

Santa Maria conta com 76 escolas municipais, segundo dados de 2011 da Prefeitura Municipal¹, cada uma delas com as suas particularidades, e conhecer seus alunos, professores e gestores faz com que questões como quem são essas pessoas, como a educação funciona em Santa Maria e qual o papel dela na formação dos alunos se tornassem um tópico. A maioria dessas escolas se encontra em regiões periféricas da cidade, trabalhando com crianças e adolescentes em situação de risco, o que gera novos questionamentos, como: a realidade na qual vivem os alunos influencia no modo como enxergam a escola e a educação? A escola proporciona uma visão diferente do que pode ser a sua realidade?

Eliane Brum (2006), na primeira crônica do seu livro *A vida que ninguém vê*, intitulada *História de um olhar*, conta a história de uma professora chamada Eliane Vanti e de um andarilho chamado Israel Pires. Neste texto breve, Brum fala sobre a educação que transforma, que inclui, que pode mudar vidas:

Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane. E o que se passou naquele olhar é um milagre de gente. Israel descobriu um outro Israel navegando nas pupilas da professora. Terno, especial, até meio garboso. Israel descobriu nos olhos da professora que era um homem, não um escombros. (BRUM, 2006, p. 23)

Em textos humanizados, Eliane Brum fala de pessoas, que não são vistas ou percebidas com certo incômodo pela sociedade. Mas ela não se prende somente ao humano, mas a atos deste, como na história da estátua do Conde de Porto Alegre e na de um álbum de fotografias que acha perdido na rua. São crônicas, mas muitas vezes são

¹ Disponível em: <http://www.santamaria.rs.gov.br/smed/?secao=documentos&tipo=138&lista=1>. Acesso em: 20 de junho de 2017. Os dados de 2011 não computam a presença da EMEF Sérgio Lopes, que voltou a funcionar em 2016.

também perfis, afinal contam sobre a vida de alguém, seja um momento específico ou a história resumida de uma vida inteira.

O Jornalismo literário, gênero em que se enquadra a escrita de Eliane Brum, busca a sensibilidade, não só daquele que está escrevendo como daquele que irá ler o texto. Sensibilidade é o que está em falta no jornalismo e, quando se fala em educação, as notícias costumam ser voltadas para as questões negativas do assunto. Eliane, nesta crônica, traz uma história muito especial e específica, mas a educação é um campo cheio de relatos sobre superação e mudança.

Utilizando desta possibilidade que o Jornalismo Literário oferece, de sair da zona estritamente noticiosa e falar sobre pessoas, sobre suas vidas, sem precisar me ater a questões como atualidade ou periodicidade, é que escrevo estes perfis, porque, como afirma Edvaldo Pereira Lima (2014, p. 20), “para se ver um acontecimento ou uma situação com clareza, não podemos ficar restritos ao factual, concreto, objetivo”. Além disso, a ideia central é mostrar como a educação pode ser transformadora, tudo a partir da história de quem está intrinsecamente ligado a ela.

Os professores são os indivíduos mais próximos de seus alunos nesta fase de formação de caráter e personalidade, o que torna esta uma profissão com muitas responsabilidades e tendência à culpabilização. Quem são essas pessoas que passam pelo menos um terço de seus dias no meio de crianças e adolescentes? Quais suas motivações para escolher passar a vida adulta dentro de uma escola? Elas estão vivendo seus sonhos? Estão na sua profissão desejada?

Fugir de ideias pré-determinadas do que é ser professor e simplesmente conhecer um pouco da história de Christiane, Janete, Liliana, Maria, Marcia, Vanessa que, cada uma ao seu modo, lutam e se encantam todos os dias pela educação. Todos nós, não importa a idade, temos na recordação pelo menos um professor da época de escola, o que mais gostávamos, o que nos ajudou de alguma forma e até mesmo o mais difícil de conviver. Então, vamos conhecer um pouco mais destas, que são certamente as professoras favoritas de alguém.

Este trabalho trará alguns textos que buscam compreender como a educação funciona, mesmo que seja sob determinado ponto de vista, e para isto foram utilizados os livros “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire (2016) e “Sobre Educação e

Juventude”, de Zygmunt Bauman (2013); o primeiro traz uma abordagem teórica e o segundo acontece por meio de entrevistas com o autor. A parte teórica do Jornalismo é representada especialmente pelos livros “Jornalismo Literário para Iniciantes”, de Edvaldo Pereira Lima (2014), “Perfis e como escrevê-los”, de Sergio Vilas Boas (2003), “Entrevista: o diálogo possível”, de Cremilda Medina (2008); Lima faz um apanhado histórico do Jornalismo Literário e apresenta também seus tipos, como o perfil, Vilas Boas foca unicamente neste gênero tão pouco abordado, os perfis, já Medina traz desde os tipos de entrevista até questões de como colocá-las no texto.

Em segundo plano, são utilizados os livros “Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social”, de Carlos Alberto Vicchiatti (2005), especialmente o momento em que fala sobre o papel do jornalista; “Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra”, organizado por Gustavo de Castro e Alex Galeno (2002), com os ensaios que falam sobre a crônica; “Páginas Ampliadas”, de Edvaldo Pereira Lima (1995), para explicações sobre o livro-reportagem e também sobre o jornalismo em si; “A construção social da realidade”, de Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2011), para elucidar como se moldam determinados pensamentos; e “Políticas Públicas Sociais e os Desafios para o Jornalismo”, organizado por Guilherme Canelas (2008), pelo texto muito interessante sobre educação chamado “Sobre o óbvio”, escrito pelo autor Darcy Ribeiro.

O trabalho foi dividido em três partes principais; iniciando por um breve capítulo sobre educação, em que são levantados alguns pontos relevantes e que conversam posteriormente com os perfis, como o respeito à individualidade dos alunos e a ideia de que o ensino é algo que deve ser compartilhado entre educandos e educadores. Em seguida, temos a parte teórica sobre o Jornalismo, que traz o histórico do Jornalismo Literário, espaço em que surgem os perfis, além de demais subgêneros, como o livro reportagem e a crônica. Ainda nesta parte, em um capítulo específico, o perfil ganha destaque, com definições e exemplos.

Por fim, chegamos à parte do Projeto Experimental; começando pelos seis perfis, na seguinte ordem: Educar pelo Amor, Educar pela Amizade, Educar pelo Exemplo, Educar pelos Ideais, Educar pela Experiência e Educar pela Superação. Em seguida, temos o Relatório, em que são analisados os perfis e a metodologia utilizada em suas produções.

1. A educação e o seu poder de mudar realidades

A educação brasileira é historicamente levada a manter as classes sociais imobilizadas. É isso que afirma Darcy Ribeiro em seu texto intitulado Sobre o óbvio. Nesta publicação, o autor apresenta o que considera ser alguns fatores da construída inferioridade do povo brasileiro, sendo um deles a “façanha educacional da nossa classe dominante” (2008, p. 40). Segundo Ribeiro (2008, p. 40), “[...] não houve fracasso algum nessa matéria (universalizar o ensino), mesmo porque o principal requisito de sobrevivência e de hegemonia da classe dominante que temos era precisamente manter o povo xucro”.

Mas esta realidade em que o poder aquisitivo ou a cor da pele ou qualquer outro fator possam ser motivos para que crianças e adolescentes fiquem de fora dos centros de ensino, seja ele básico, médio ou superior, não é estritamente brasileira. Zygmunt Bauman, polonês, em conversa com Ricardo Mazzeo, italiano (2013, p. 49), faz uma comparação entre a dificuldade de algumas pessoas em acessar os centros de ensino e o muro de Berlim e a muralhas da Palestina, uma versão monetária destes.

Neste processo de exclusão, além de questões como talento, perspicácia, inventividade e audácia deixam de ser desenvolvidos pelos alunos, como também aquilo que para Paulo Freire (2016, p. 32) é o objetivo da educação: transformar a mera curiosidade ingênua em curiosidade epistemológica. Tal processo é explicado por Bauman da seguinte maneira:

Diamantes brutos não escolhem os veios em que a natureza os coloca nem ligam muito para divisões inventadas pelos seres humanos, embora essas divisões se preocupem em escolher alguns deles para a lapidação e releguem os outros à categoria dos que só poderiam ter tido algum valor – além de fazer o possível para encobrir os vestígios dessa operação. (BAUMAN, 2013, p. 49).

Como superar essas barreiras? Como ir de encontro à frase “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” que por tanto tempo vem sendo incutida nas pessoas? Como afirmar Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2011, p. 82), ““O lá vamos nós de novo” torna-se agora “É assim que as coisas são feitas”. Um mundo assim considerado alcança a firmeza na consciência. Torna-se real de maneira ainda mais maciça e não pode mais ser mudado com tanta facilidade.”.

Ao afirmar que somos seres condicionados, mas não determinados, Paulo Freire diz que é possível melhorar a própria realidade e que a educação é o caminho. Assim, ele defende que o educando precisa é de um treino técnico indispensável à sua adaptação, à sua sobrevivência e não uma adaptação à sua realidade, sendo esta segunda proveniente de uma ideologia fatalista e imobilizante, que “com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, histórica e cultural, passa a ser ou virar “quase natural”” (FREIRE, 2016, p. 21).

Indo contra tal ideologia fatalista, Paulo Freire apresenta algumas ideias para que os professores não sejam meros “transferidores” de conhecimentos, mas que haja uma aprendizagem ampla, em que alunos e professores compartilhem saberes, afirmando que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro” (2016, p. 25).

Além disso, Paulo Freire discute o que ele chama de “justa raiva” (2016, p. 41) e a “pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (2016, p. 45), temas muito polêmicos porque envolvem a raiva que alunos que vivem nas mais complicadas situações têm o direito de sentir, se esta for direcionada às injustiças e à violência e também o total e completo descaso do poder público quando o assunto é a manutenção das suas escolas municipais e estaduais e também, como comenta no seguinte trecho:

Como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, às mesas, às paredes, se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública? É incrível que não imaginemos a significação do “discurso” formador que faz uma escola respeitada em seu espaço. A eloquência do discurso “pronunciado” na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam. (FREIRE, 2016, p. 45).

A educação transformadora é aquela que enxerga o aluno não como um receptor de informação, mas que compreende os sentimentos, desejos e emoções que cada uma dessas crianças e adolescentes carregam. Respeitando as individualidades de cada um é possível entender a raiva e transformá-la em munição para a luta contra as desigualdades sociais, é utilizar a realidade dos seus educandos para formá-los cidadãos.

2. O jornalismo que humaniza

O propósito do Jornalismo, de maneira geral, é informar seus receptores de forma rápida e com certa frequência, como afirma o autor Edvaldo Pereira Lima (1995, p. 21): “o jornalismo serve ao propósito de informar e orientar sobre fatos da atualidade, mantendo um vínculo de contato periódico com a audiência, que é dispersa geográfica e socialmente”.

Tais questões acabam gerando o vício da velocidade nas redações e a provável superficialidade daquilo que está sendo informado. Tais características, que costumam ser vinculadas ao jornalismo diário, servem para basicamente fazer com que o leitor saiba que determinado fato ocorreu, de forma simplificada e indireta, como explica Lima (2014, p. 15):

O leitor é informado do esqueleto do acontecimento [...]. Mas não é informado com mais vigor de como aconteceu, nem por que, tampouco lhe é apresentado um significado mais amplo do que ocorreu. É um modo bom para transmitir informação de uma forma ligeira, rápida, sem necessariamente aprofundar-se.

Com a ideia de alterar essa visão, na época da Segunda Guerra Mundial surgiram as primeiras revistas semanais, em países da Europa e Estados Unidos, que buscavam trazer um conteúdo informativo de melhor qualidade, a partir das reportagens. “Visando atender a necessidade de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade da mensagem jornalística batizada de reportagem. É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual” (LIMA, 1995, p. 24).

Desta forma é que surge o Jornalismo Literário, em que jornalismo e literatura se mesclam para a construção de um texto mais aprofundado e, muitas vezes, mais humanizado, afinal “mais do que simplesmente passar uma informação, a cena procura colocar o leitor dentro do acontecimento” (LIMA, 2014, p. 15). O que o jornalismo literário e, especialmente, o jornalista que o faz deseja, é contar histórias. Para que essas histórias causem impacto, a forma em que são contadas é muito importante, então o jornalista “procura dar a eles uma qualidade literária, entendida como uma organização textual eficiente, do ponto de vista da comunicação, atraente, do ponto de vista estético” (LIMA, 2014, p. 17).

Hoje em dia, apesar de não ser comum especificar um texto jornalístico como literário, quando se deseja contar uma história de maneira mais aprofundada e humanizada, é comum utilizar alguns recursos literários adaptados à narrativa jornalística, que provêm da própria literatura, como a metáfora. Existem alguns formatos jornalísticos em que é mais frequente o uso desta linguagem especial, como a grande-reportagem ou reportagem especial, a crônica e o perfil, sendo seu ápice o livro-reportagem.

O livro-reportagem pode tratar de uma gama imensa de assuntos, qualquer tópico da vida social e histórica pode vir a ser a temática central de um que, de acordo Lima (1995, p. 27), deve ser aprofundado extensivamente e intensivamente, buscando a compreensão mais ampla possível da questão. Dois exemplos de imersão em suas respectivas temáticas são os livros-reportagem *O Jornalista e o Assassino*, de Janet Malcolm (2011), e *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex (2013).

Ambos os livros falam sobre a ética, seja relacionada ao jornalismo, como Malcolm ou àquela intrínseca ao ser humano, como Arbex. Em *O Jornalista e o Assassino*, Janet narra o embate entre um médico acusado de assassinar sua família, que teve sua história contada pelo outro personagem principal, o jornalista. A autora, de maneira bastante romanceada, produz um relato profundo e nos guia pelo passado e presente dos personagens, seja por meio de entrevistas, de cenas das audiências ou de cartas trocadas entre os protagonistas. Além disso, Malcolm se coloca na história, se envolve com ela, e traz muito de opiniões suas para as páginas de seu livro-reportagem.

Já em *Holocausto Brasileiro* nós temos a transgressão completa da ética, em que o humano é retirado das pessoas. Daniela conta a história do hospital Colônia, na cidade de Barbacena em Minas Gerais, que durante mais de um século foi local de depósito dos não quistos pela sociedade. A escrita deste livro é mais crua quando comparamos ao *O Jornalista e o Assassino*, uma escolha condizente com o assunto do qual trata, a institucionalização dos ditos loucos pelos ditos normais. Para construir seu livro, Daniele precisou viajar para a cidade em que ficava o Colônia, além de estudar fotos e documentos e fazer diversas entrevistas.

Quando se fala da crônica, no livro “*Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*” é levantada a existência de dois tipos: a hispano-americana e a luso brasileira, sendo esta última localizada nas páginas de opinião, “sua feição assemelha-se ao

editorial, ao artigo e ao comentário, distinguindo-se, portanto, da notícia e da reportagem” (MELO, 2002, p. 147). Porém, assim como o jornalismo factual, o cronista utiliza a realidade do cotidiano para produzir seus textos, “mas procura ir além e mostrar o que está por trás das aparências, o que o senso comum não vê” (MENEZES, 2002, p. 165).

É isso que encontramos no livro anteriormente citado neste texto, *A vida que ninguém vê*, da jornalista Eliane Brum. A crônica coloca luz naquilo que está invisível aos olhos de quem não quer ver, “se nutre desse mundo real, se alimenta dele, é nele que o cronista vai buscar inspiração [...]. Por isso, o cronista tem que circular, tem que ouvir, tem que olhar, tem que conversar [...]” (MENEZES, 2002, p. 166).

Mas, independente do tipo de jornalismo que se faz, se é uma simples notícia, uma grande reportagem, uma crônica ou um perfil, o jornalista não pode esquecer, como afirma Carlos Alberto Vicchiatti (2005, p. 53), que faz parte de um contexto sócio-econômico-político: “Os profissionais do jornalismo, no exercício de sua profissão, têm, antes de tudo, um compromisso com a sociedade. Compromisso de trabalhar pela verdade, pela justiça, e pela cidadania, pela (in)formação pública e pelo nivelamento das desigualdades sociais”.

2.1. Perfil – a história de alguém

Quem são as pessoas por trás da superficialidade de nossa sociedade? Julgamos conhecer alguém pela sua profissão, pelo modo como ela se veste ou pelas pessoas com as quais convive. Mas a verdade é que não se conhece uma pessoa por aquilo que é óbvio aos olhos. O perfil jornalístico busca apresentar o seu personagem fora da bolha de obviedade, conhecer os seus “conteúdos internos”, como identifica Edvaldo Pereira Lima (2014, p. 60), “o perfil faz um trabalho intuitivamente psicológico de retratar a pessoa sob uma projeção de luz mais completa, capaz de iluminar tanto seus atos externos, no mundo que conhecemos, como seus conteúdos internos, da psique, desconhecidos por nós”.

Este modo de contar a história de uma pessoa específica, como lembra Lima (2014, p. 58), começou por volta de 1930, tendo o seu surgimento atrelado à revista *New Yorker*, que nesta época decidiu formar uma equipe de jornalistas literários em sua redação. Dentre algumas medidas, a mais importante quando se fala em perfis, foi a de

dar aos autores “voz narrativa própria, individualizada, inconfundível” (LIMA, 2014, p. 59). Começa então a busca pelo único, singular de cada pessoa, “com o objetivo não de traçar um retrato social mais amplo, de um grupo, de uma realidade contextual, mas com o propósito de desvendar a pessoa em si” (LIMA, 2014, p. 60).

Gay Talese (2004), com seu livro *Fama e Anonimato*, lançado em 1960 nos Estados Unidos, traz uma ideia mais abrangente do que pode ser um perfil. Ele conta histórias desde pessoas famosas, como seu conhecido perfil do artista Frank Sinatra, até textos sobre a cidade de Nova Iorque, em que fala tanto das coisas que eram invisíveis na cidade, quanto das pessoas que lá viviam. A construção de um perfil pode ser bastante variada porque, como diz Sérgio Vilas Boas (2003, p. 13), “existem tantos modos de reportar quanto repórteres trabalhando em uma redação, por mais que nos digam que não, que tudo leva a uma única opção”.

Em termos gerais, o perfil é um texto biográfico de curta extensão que segue alguns preceitos jornalísticos, com, por exemplo, manter-se dentro do factual. Além disso, é importante que o jornalista esteja conectado aos sentimentos de seus personagens, “a frieza e o distanciamento são altamente nocivos, Envolver-se significa sentir” (VILAS BOAS, 2003, p. 14). Segundo Lima (2014, p. 61) o espírito do perfil é compreender a pessoas em suas grandezas e finitudes, “não julgá-la, nem defendê-la, nem condená-la, Compreendê-la”.

Como afirma Vilas Boas (2003, p. 13), “os perfis podem focalizar apenas alguns momentos das pessoas”, o que pode, num futuro, gerar mudanças de opinião ou de atitudes por parte do perfilado. Mas, ainda segundo Vilas Boas (2003, p. 20), isso é esperado, afinal “os perfis só podem elucidar, indagar, apreciar a vida num dado instante. São mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós”.

3. O Projeto Experimental

O Projeto Experimental é dividido em duas partes: o produto jornalístico, que neste caso são os perfis e o relatório deste produto, que apresenta desde a análise das perguntas feitas às entrevistadas, utilizando com metodologia a autora Cremilda Medina, até um breve relato sobre a produção de cada um dos perfis.

3.1. O produto – Perfis

Os seis perfis deste trabalho apresentam a história de seis mulheres com a educação e são nomeados a partir da característica mais marcante quando se trata da relação de cada uma com a profissão. Marcia é a professora que educa pelo amor; Christiane é a professora que educa pela amizade; Vanessa é a professora que educa pelo exemplo; Liliana é a professora que educa pelos ideais; Janete é a professora que educa pela experiência; e Maria Ivonete é a professora que educa pela superação.

3.1.1. Educar pelo amor

A vida muitas vezes discorda dos nossos sonhos. Esta pode ser a definição do início da vida profissional da hoje professora realizada, Marcia Beck, que quando criança utilizava pedaços de carvão e tijolo para dar aulas imaginárias nas paredes da sua casa. Ela, o tipo de pessoa que pode dizer que nasceu para ser professora, tão pronta para enfrentar as salas de aula, passou quase 20 anos sem ter contato com o quadro negro de verdade e com os alunos que hoje tanto adora. A adulta Marcia demorou a alcançar o seu sonho de infância, mas agora que o seguiu firme não deve soltar tão facilmente.

Amor é a palavra que enche sua alma e transborda sobre seus alunos, conquistados com muito esforço em 2010, quando passou no concurso para professora do município, aos 43 anos de idade. Há um ano na direção da Escola Municipal de Educação Infantil Darcy Vargas, Marcia é categórica, “quem trabalha com criança tem que amar não pouco, mas muito, porque é isso que a gente vai passar para eles”. Marcia têm algumas certezas nessa sua vida como professora; umas delas é que essa é a única

coisa na vida que sabe fazer bem, sem dúvidas, sem precisar pensar duas vezes; a outra é que ela gosta mesmo é de trabalhar com crianças, quanto menor forem elas, maior a felicidade da educadora.

Durante os cinco anos em que trabalhou dentro da sala de aula antes de assumir a direção, Marcia se manteve fiel a uma faixa etária, a do maternal I. Na época eram os alunos mais novos da escola, com apenas dois anos de idade. “Eu gosto porque eles vêm para a escola e querem o quê? carinho, colo, atenção. Estão começando a se desprender da mãe, se adaptar longe de casa, sempre gostei disso”, afirma Marcia, que é a primeira a chegar à escola só pra poder cumprimentar cada um dos alunos, já que seu cargo a mantém fora da sala de aula e do convívio mais próximo com as crianças.

As crianças são especiais para Marcia por diversos motivos, mas uma característica marcante é o fato de a diferença visível aos olhos adultos não existir para elas. Em que momento essa pureza nos abandona e nos tornamos os seres humanos que excluem o diferente? É uma resposta complicada, provavelmente sem causa específica, mas talvez dependa da maturidade da criança ou da convivência em casa, supõe a professora. O certo é que as crianças são assim, livres de qualquer julgamento, “os alunos não distinguem nem diferenciam se o colega é diferente deles pela roupa, ou até mesmo pela higiene. Eles comem a bolacha do colega, eles dividem o mesmo copo de água, quem faz essa distinção é o adulto, a criança não tem, nessa idade, maldade nenhuma, não tem preconceito”.

Enquanto o sonho se mantinha no mundo das ideias, Marcia trabalhou durante anos num escritório, com o ex-marido que tinha uma empresa de ônibus. Após a separação, sem poder esperar pelo concurso que a levaria ao convívio diário com as crianças, ela foi frentista em um posto de gasolina por dois anos, onde, aos 39 anos de idade, teve pela primeira vez um emprego de carteira assinada. Em seguida, trabalhou durante um ano como secretária para um oftalmologista. “Eu trabalhei com ele até ser chamada pelo concurso do município, daí foi minha felicidade total, para mim foi um sonho realizado”, conta Marcia mais com os olhos que com boca.

Talvez a espera a tenha tornado ainda mais apaixonada pela profissão, mesmo com todas as dificuldades que a vida de professora possa trazer, especialmente quando se fala na questão financeira. Mas Marcia não se deixa abater e afirma que se for preciso coloca dinheiro do próprio bolso para a compra de materiais para a escola. Ela notou

que qualquer gesto, por mais simples que seja, é recebido com muita importância pelas crianças, seja um brinquedo, seja um abraço. “Eu aprendi que se tu fizeres com amor, com vontade, com todos os sentimentos bons que tu tens, às vezes tu nem sabes como isso vai marcar a vida da pessoa”.

Cada pequeno gesto é retribuído mil vezes com a alegria que só a criança consegue demonstrar. Alegria esta que é o combustível para acreditar na profissão e seguir em frente. As descobertas, o desenvolvimento, a felicidade em aprender, cada um destes aspectos do crescimento infantil encantam Marcia. “Professor de educação infantil tem uma responsabilidade enorme, é época da formação do caráter da criança, dos sentimentos que ela vai levar para o resto da vida”, afirma a professora que escolheu como símbolo da escola a girafa, por conta do seu coração enorme.

Marcia, com seu coração de girafa, revolucionou a escola há um ano, quando assumiu o cargo de direção. Neste meio tempo duplicou o número de alunos, triplicou o número de professores e fez mudanças necessárias na infraestrutura. Tudo para que suas crianças possam receber não só carinho, mas também um ensino de qualidade.

3.1.2. Educar pela amizade

Quando crescer eu vou ser professora. Este é um pensamento comum logo que crianças começam a frequentar a escola. Os anos passam e na hora de prestar o vestibular é possível que aquela decisão da infância ainda se mantenha firme, ou não. Só se sabe que esse não era o sonho de Christiane Diehl (38), que acabou escolhendo a pedagogia como profissão por intermédio da mãe. A indecisa adolescente pensava em fazer psicologia, mas a dúvida a levou às salas de aula.

Talvez por achar que não fosse gostar ou por certa timidez frente ao seu público, Christiane ficou sete anos sem dar aula. Neste meio tempo ela mudou de cidade, foi para Rio Grande, e trabalhou em lojas e como secretária. “Eu acho que tive um crescimento em outras áreas, porque tinha muita vergonha de falar em público e esses outros cargos ajudaram a me desinibir um pouco”, declara Christiane que durante os sete anos, mesmo sem saber se iria gostar de ser professora, continuou distribuindo currículos em escolas e fazendo concursos.

Nove anos atrás, com somente uma experiência de três meses em uma creche, Christiane se tornou professora concursada. Na escola que está até hoje, a EMEF Aracy Barreto Sacchis, ela descobriu que sim, ensinar era sua vocação. Iniciou dando aulas para a educação infantil e para o 5º ano, esta última sua turma favorita, que hoje concilia com a coordenação dos anos iniciais. Depois de tantas dúvidas, Christiane agora não é só professora de seus alunos, mas também amiga.

“Eu não sou só a professora que exige, que cobra, eu sou uma amiga também. Eu tento puxar eles para mim, para que não fique maçante só o quadro e o giz. É outra maneira de entrar na vida deles, não só com a aprendizagem”, afirma Christiane, que se orgulha das relações que criou na escola, não só com os alunos, mas com todo o corpo docente. Mesmo sem se sentir valorizada pela sociedade, ela sabe que dentro do seu ambiente de trabalho pode encontrar pessoas que reconhecem sua dedicação e seu esforço.

Esse reconhecimento lhe permitiu crescer dentro da escola. Logo no começo, enquanto trabalhava com a educação infantil, descobriu que essa faixa etária não era o seu perfil. “Eu adoro criança pequena, mas eu me desgastava demais e chegava me sentindo muito cansada em casa. Isso me deprimiu e tive que tomar remédio, foi bem complicado”. Enxergando essa sua dificuldade, a escola conseguiu remanejar Christiane para trabalhar somente nos anos iniciais. O corpo docente ainda conseguiu surpreender a professora com o seu atual cargo, o de coordenadora pedagógica dos anos iniciais. “Segundo elas dizem, foi por conta do meu trabalho, estou sempre disposta a ajudar mesmo não sendo a minha área”, comenta Christiane.

Perfil de aluno da Chris. É assim que a própria Christiane define os alunos que sabem pensar criticamente, que tem um raciocínio lógico e rápido na matemática e que consegue interpretar bem um texto. Ela fala isso ao contar a história de uma aluna que chegou em 2016 à sua turma vinda de outra realidade, com um nível inferior de aprendizagem, e que não teve condições de passar de ano. Mas hoje a aluna tem um perfil de aluna da Chris, que declara, “eu vi a evolução dela e isso é gratificante”. É desta forma que Christiane leva sua profissão, buscando com que seus alunos tenham o melhor ensino possível, já imaginando que eles possam fazer concursos e passar no vestibular, mesmo que ainda estejam no 5º ano.

Mas descobrir a realização profissional e ser amiga de seus alunos não impediu que Christiane encontrasse dificuldades, inclusive por algum tempo pensou que não queria mais ter filhos. “Eu não quero que minha filha faça com os professores o que eu já passei com alguns alunos, mas eu sei que é tudo uma questão de criação”, declara a professora que costuma ter um contato mais direto com os pais, por causa de seu cargo na coordenação. “A gente sempre faz um trabalho bem integrado com a família. É importante ter uma ajuda mútua entre pais e professores, a educação vem de casa, mas o professor reforça”, afirma Christiane.

Hoje, mãe e professora, Christiane entende melhor os outros pais, especialmente os pais de seus alunos, e considera a liberdade em excesso um dos maiores problemas a serem enfrentados nas salas de aula. Mas ela compreende esta situação, “eu também me sinto culpada de trabalhar o dia todo e não ter tempo para minha filha, então às vezes a gente acaba mesmo fazendo coisas que não deve para aliviar a culpa de não passar tanto tempo com eles”. Além de desenvolver a compreensão, a empatia, Christiane cita outras coisas que aprendeu em seus anos de escola, como ser mais tolerante, altruísta, menos explosiva e mais flexível.

3.1.3. Educar pelo exemplo

A história de Vanessa desde cedo se entrelaça com a luta pela educação. Nascida no interior, seus estudos estavam fadados a terminar quando ela chegasse na 5ª série. A única escola da região onde morava não ia além disso. Era preciso sair do seu local de origem, se deslocar até a cidade mais próxima, para então continuar estudando. Mas seu pai foi categórico, em uma frase que ela nunca esqueceu, “ela não precisa estudar, ela não é diferente dos outros e já sabe escrever o nome para casar”. Esse era seu destino, mas Vanessa quebrou o ciclo.

Hoje, aos 36 anos de idade, ela é diretora da escola Sérgio Lopes, localizada na Vila Renascença, uma região de muita vulnerabilidade social, e luta para que outras crianças possam, assim como um dia conseguiu, mudar a própria realidade. Sendo a irmã mais velha de três filhas, abriu caminho para que todas pudessem ter estudo. “Nós estudamos porque a gente sabia que essa era a única via possível”, afirma Vanessa, que tenta passar exatamente isso para seus alunos.

Mas desde que assumiu a direção da escola, no início de 2016, o seu exemplo tem encontrado outros tantos pelo caminho. Como uma aluna que, durante as aulas de educação física, mostrou um talento enorme para o futebol. A escola, com seus próprios recursos, levou a menina para competições e hoje ela joga em um time de Pelotas e tem grandes chances de ser convocada pela seleção. “Ela é alguém que vem de uma família de dez irmãos, que tem muita dificuldade, então a gente procura sempre observar, olhar para eles, buscar deles o que eles têm de melhor”, declara Vanessa.

A caça aos talentos e o olhar apurado tem sido uma forma de tentar afastar as crianças e adolescentes de um futuro que parece mais óbvio a seus olhos: o tráfico de drogas e a gravidez precoce. “São crianças e adolescentes nos quais a gente aposta, eles só precisam de uma chance na vida. Então nós, como escola, precisamos trazer outras oportunidades para que eles possam ampliar esses repertórios, temos que mostrar outros caminhos possíveis”, comenta Vanessa. Assim, a escola tenta de tudo para que seus alunos encontrem seus talentos, seja no esporte, na música, na literatura, na matemática, no xadrez.

Os alunos queriam aulas de música? A escola conseguiu estagiários do curso de música da UFSM para dar aulas. A escola tem certa tradição no xadrez? Vamos incentivar o xadrez, participar de competições. É assim a realidade da Sérgio Lopes, buscando participar de todas as competições esportivas, indo a atividades culturais sempre que possível, fazendo concursos literários. “No primeiro dia de aula de 2016, eles tiveram uma atividade cultural com o Jardim dos Cata-ventos, o que surpreendeu bastante porque eles vieram esperando ficar um atrás do outro, já copiar e a gente fez essa atividade”, conta Vanessa, orgulhosa de suas conquistas.

As vitórias têm sido grandes, mas as dificuldades a serem superadas são sempre enormes. Vanessa já teve que ouvir de um aluno a seguinte frase: “eu não quero que você goste de mim, eu não sou legal”. O que leva uma criança ou adolescente a ter uma opinião tão negativa sobre si? Vanessa respondeu a isso com mais carinho ainda, criando uma caminhada de diálogo com esse aluno. Conversa, ela destaca, é um instrumento muito poderoso para resolver problemas e para tentar evitá-los. Além dos alunos, pais e comunidade têm uma ligação muito próxima com a escola.

“A escola não pode dar conta de tudo sozinha, a gente precisa da família junto, então a gente tenta ter essa relação com a família, com a comunidade, para que os

alunos possam efetivamente ter uma formação integral”, afirma Vanessa, que conseguiu construir essa proximidade tão importante, tendo inclusive estagiárias da própria comunidade dentro da escola. São meninas que estão fazendo magistério e que servem de exemplo para tantas outras, mostrando que existem outras opções além do casamento e gravidez precoces.

Escolhas. Às vezes elas não aparecem de forma óbvia em nossa frente e seguir a mesma vida que os pais levam pode parecer a única opção. E o que Vanessa e sua equipe tentam fazer é empoderar seus alunos para que eles compreendam que este não é o único caminho, que eles não precisam reproduzir uma vida que eles não consideram boa. Na escola estuda um menino com grande talento para o xadrez, que acabou perdendo o pai de maneira muito difícil. Um dia esse mesmo menino brigou com colegas que implicaram com ele, afirmando que ele seria igual ao pai.

Após mais uma vitória em competição de xadrez, Vanessa, utilizando as conquistas dele como exemplo, comentou com o menino: “Tu tens um caminho lindo pela frente, tens que focar nisso, fazer as tuas escolhas, cada um faz as suas, tu não precisas reproduzir o que a tua família ou o teu pai fizeram, vamos investir nisso”. Agora, o xadrez é uma escolha bem real na vida dele, que já está até conseguindo patrocínios para competir.

Mesmo que a paixão pela educação muitas vezes sobrecarregue Vanessa, ela tem uma ideia bastante clara de porque está ali e porque escolheu essa profissão, que remonta lá de sua infância no interior. A escola pequena, os professores atenciosos, o número diminuto de colegas. “Eu via a forma como as professoras se dedicavam a todos nós e como elas conheciam cada um e nos incentivavam, então eu acho que isso me motivou a optar pela educação”, afirma. Vanessa iniciou o curso de pedagogia praticamente já dentro de uma sala de aula e passou por diversos cargos desde então. Foi professora da educação infantil, dos anos iniciais, coordenadora pedagógica, trabalhou na Secretaria de Município da Educação e já esteve duas vezes na posição de diretora.

A escola Sérgio Lopes tem sido seu maior desafio até então. “Vim eu e mais duas colegas, tinha só um prédio, muitas dificuldades estruturais, três professoras e 180 alunos”, explica. Fisicamente, a escola cresceu muito neste pouco mais de um ano, mas uma história que marca Vanessa tem ligação direta com uma falta, a de aros para

basquete. O caso é que os alunos certa vez decidiram que queriam participar de uma competição de basquete. Como a escola se esforça para realizar seus desejos, eles tiveram três treinos em sábados pela manhã e, no dia previsto para o jogo, juntaram dois carros de professores, algumas camisas emprestadas e foram para o torneio, que acontecia no Colégio Franciscano Sant'Anna.

O choque de realidade foi imenso. Abismados pelo tamanho do ginásio dos oponentes, começaram perdendo de 5 a 0. Neste momento, Vanessa já estava arrependida de ter levado seus alunos até lá, com medo que a derrota fosse desmotivá-los. No fim, acabaram ganhando de 8 a 7. Essa vitória foi motivo de muita reflexão, o jogo mostrou que a união, o companheirismo, superam quaisquer condições difíceis e levam ao êxito.

“Eu contei para eles que não tinha acreditado neles naquele momento, mas que eles me surpreenderam e que eu queria que eles me surpreendessem cada vez mais, que aquele jogo representava o quanto que eles podiam, que mesmo sem ter as condições, a gente não pode se vitimar. Eu sempre falo isso, nós nascemos numa condição em que sempre vamos ter que correr atrás, se um se esforça x, eu tenho que me esforçar x e y”, conclui Vanessa, que aprendeu, com esta situação, a função importante de ser uma “acreditadora”.

3.1.4. Educar pelos ideais

Educação e política possuem uma relação muito próxima. Liliana, formada em História, sabe disso e faz de sua profissão um ato de luta contra as desigualdades e em favor de uma educação que forme sujeitos, não sujeitados. Sua própria história de vida reflete isso. Nascida em uma família periférica, seus pais não tinham estudo, mas durante toda sua infância teve uma vizinhança inspiradora, a Universidade Federal de Santa Maria. Com o incentivo dos pais, ela e as irmãs conquistaram o diploma no ensino superior e Liliana hoje utiliza seu exemplo para motivar seus alunos.

“Às vezes eu conto para eles que também tive que ir para a aula com calçado velho, costurado. A gente é o exemplo vivo de que pode, mas tem que querer”, afirma ela que, mesmo orgulhosa de seu diploma, passa para seus alunos que não é preciso ter uma formação superior para ser “culto”, ter uma cultura. “Porque muitas vezes tu tens

um diploma e não tem esse conhecimento que tu adquires através dos livros”, comenta preocupada com a não presença das crianças na biblioteca, porque sabe o forte poder da literatura em formar cidadãos críticos, autônomos e independentes.

Poder este que também enxerga no próprio exercício como professora, a única profissão que pode possibilitar uma grande transformação. “Não adiante construir presídios, não adiante colocar polícia em todas as esquinas, se nós como professores não conseguirmos, com as nossas aulas, pelo menos plantar uma sementinha dessa possibilidade de mudança”, comenta Liliana, com a convicção que com certeza coloca em seu trabalho. Com pequenos passos, ela tem conseguido mudar algumas atitudes pré-determinadas dentro da educação.

Aos 40 anos, trabalha atualmente em três escolas, em duas delas como coordenadora pedagógica, dos anos finais e da educação de jovens e adultos, e em uma como professora de História. A coordenação lhe permite um contato mais próximo com seus colegas, conhecendo suas práticas pedagógicas e estar dentro da sala de aula lhe permite testar diferentes formas de ensinar. “Eu converso com os professores, que educar um aluno é fazê-lo pensar sobre suas atitudes e modificá-las e não chegar na sala de aula, gritar com ele e impor tal coisa. Isso para mim não é educação, é dominação”, coloca.

Seguindo tal ideia, conseguiu organizar a fila do recreio na escola Euclides da Cunha. Chegava a hora do intervalo e os alunos não formavam fila para receber a refeição, os professores acabavam gritando e brigando com essas crianças e adolescentes e isso se repetia todos os dias. Liliana então teve uma ideia simples, cada professor chegaria ao local com sua respectiva turma e conversaria ali com eles sobre a importância de formar uma fila, colocando que é apenas uma questão de organização. Deu certo e a fila para o lanche não é mais um problema na escola.

“A gente pode mudar pequenas atitudes na forma de falar com o aluno, de tratar ele, isso é questão de melhorar as relações humanas, e a criança responde da mesma forma”, destaca ela, feliz com a iniciativa. A afetividade, para Liliana, é muito importante, afinal os alunos muitas vezes associam a figura do professor a questões como segurança e tranquilidade. “Quando tu estás numa turma e consegues tocar neles, sentir-se parte daquele grupo, dificilmente tu vais ter um problema de aprendizagem”, comenta.

Sua técnica de aproximação é ouvir os alunos, saber quais são suas vontades quando se trata do ensino de história, já que uma de suas maiores preocupações é a desmotivação. Então, para lutar contra isso, ela tenta colocar as crianças e adolescentes dentro do desenvolvimento da disciplina. “As aulas, no termo tradicional, é o professor quem dá, ele não escuta o estudante, só segue o ritmo”, explica. Então hoje, ela tem estudado com os professores novas teorias, formas de ensinar em que a aula seja mais voltada para a realidade do aluno, para quem não faz mais sentido, por exemplo, decorar vários conteúdos.

Para fugir disso, ela tenta utilizar outras formas de avaliação, a partir de linguagens como o desenho. Mas Liliana sabe que a base da educação ainda é muito tradicional, “infelizmente a gente valorizar muito a prova escrita, as notas, a classificação, então temos muito pela frente”, comenta. Outra situação que incomoda a professora são os amontoados de alunos no ensino médio. Turmas de 35 alunos para ela são absurdas. A conversa, o cuidado com o estudante, se perdem no mar de pessoas.

“Isso pode ser bom para o governo não gastar, mas é péssimo para o aluno, para o crescimento pessoal dele, afinal ele não é visto ali como um ser humano, mas sim como uma peça para o mercado de trabalho, como se estivessem formando um monte de pessoas para trabalhar por um salário mínimo”, declara. Humanizar essas crianças e adolescentes é mais um de seus objetivos, fazer com que não se acostumem com o chamado “normal” e que entendam que a violência não precisa fazer parte de suas vidas. Este é seu prêmio como professora, saber que pode estar mudando uma realidade.

3.1.5. Educar pela experiência

A história de Janete com a educação remonta a seus antepassados. Muitos anos atrás, o bairro Boi Morto, aqui em Santa Maria, era quase um descampado. O transporte era difícil e não existiam escolas nas proximidades. Foi o avô de Janete quem conquistou (e cedeu o terreno) a primeira escola do local. Seu nome não está na escola, que se chama Castelo Branco, mas a biblioteca da instituição é nomeada em homenagem: Antônio Alassia. Mesmo com todas as mudanças estruturais que a escola sofreu, Janete se lembra de suas características primeiras: paredes de madeira pintadas de amarelo e janelas azuis.

A escola Castelo Branco não só faz parte da sua história familiar, como está também em seu currículo, afinal, por sete anos trabalhou lá como professora. Mas antes disso, aos 16 anos, enquanto ainda era uma adolescente cheia de dúvidas, Janete entrou para o curso de letras inglês-português e ficou durante dois semestres sem saber se estava no lugar certo. A indecisão passou e já aos 19 anos, antes mesmo de concluir a faculdade, começou a estagiar no Seminário São José, onde continuou depois de formada, em 1985. Concurada pelo estado, além da Castelo Branco, trabalhou também na escola Maria Rocha.

Depois de 32 anos trabalhando dentro de uma sala de aula, em 2017 a professora decidiu assumir um novo desafio. Aos 51 anos, aposentada do estado, trabalha hoje como orientadora educacional na escola Euclides da Cunha. A função é bastante diversificada e Janete trabalha desde questões como bullying até problemas de aprendizagem. “Eu tenho trabalhado mais a parte de comportamento, mas converso também sobre o futuro, que eles podem seguir a profissão que quiserem desde que queiram e se esforcem para isso”, explica ela.

A função de orientação educacional é novidade tanto para a professora, quanto para a escola, então toda a comunidade escolar está em período de experiência. Uma ação de Janete que já está surtindo efeito é em relação ao lixo no pátio da escola. Todos os dias, após o intervalo, o espaço ficava tomado por embalagens de balas e bolachas, mesmo com lixeiras por perto. A desculpa dos alunos é que havia a moça da limpeza para recolher aqueles papéis. Com essa situação em mãos, Janete foi às salas de aula conversar com os estudantes, explicar que a escola também é deles e merece ser cuidada.

“Isso é uma questão de cidadania, porque se algo é público não quer dizer que não é de ninguém, mas sim que é meu e teu também. Então acho que essas pequenas inserções, mostrando de forma concreta que nossos atos influenciam, contribuem para a formação do aluno”, declara a professora. Janete sente que a educação básica, como saber que o lixo se coloca na lixeira, função normalmente associada à família, cada vez mais tem se tornado responsabilidade da escola. E isso, junto ao excesso de liberdade dos alunos, é para Janete um dos maiores desafios na educação.

Acompanhar os estudos das crianças e adolescentes, ver o que aprenderam, o que foi feito em sala de aula, o que está sendo pedido pela professora. São atitudes

simples, que para Janete fazem uma grande diferença na vida dos alunos. “Todo aquele ponto em que eu posso dar apoio mesmo sendo questão da família, eu dou, mas não posso assumir também o que não é minha responsabilidade”, afirma a professora que nestes anos dedicados à educação aprendeu a conhecer seus alunos e reconhecer suas atitudes, necessidades e motivações.

Janete, que brinca já ter sido professora de avô, pai e filho, compreendeu no dia-a-dia da sala de aula que muitos dos problemas de aprendizagem têm uma motivação muito mais ampla do que o reduzido “não aprende porque não estuda”. Pode ser desde um problema de visão do aluno, até questões mais graves, como violência doméstica. “O professor aprende com tudo aquilo que o aluno traz, a gente entende que cada um tem seu tempo, o que nos dá novas ideias de como trabalhar certos assuntos, outras abordagens”, afirma Janete, grande defensora dos trabalhos com consulta ou em grupo, por exemplo, metodologias em que encontrou bons resultados.

3.1.6. Educar pela superação

“Apesar de ser uma área que todo mundo tem um olhar negativo, porque tem muito ponto de venda de drogas, essa é uma comunidade bem tranquila, os alunos são bons”, declara Maria Ivonete, vice-diretora da escola Euclides da Cunha, localizada na Vila Carolina. O olhar que vê de fora é muitas vezes enganoso e não reflete aquilo que se vive dentro de uma escola; não enxerga o esforço que o grupo escolar precisa fazer todos os dias para dar a merenda aos alunos, não sabe das parcerias que a escola faz para que crianças e adolescentes possam ter tratamento oftalmológico e dental.

Com verbas congeladas por 20 anos, a escola recebe 1.300 reais mensais para oferecer dois lanches diários para 340 alunos. “É falta de investimento público, de políticas públicas. Até o ano passado dava para todos os dias tranquilamente, esse ano a gente está se vendo aos tapas para conseguir, a gente até tira dinheiro do próprio bolso para poder comprar comida”, afirma a professora que enxerga seu papel claramente: ajudar os alunos. Essa então é a realidade de Maria Ivonete e da escola Euclides da Cunha, sempre lutando para que seus estudantes tenham melhores condições de ensino, seja por uma barriga cheia, seja por um par de óculos.

A comida é uma luta diária, mas a escola tem buscado parcerias que possam auxiliar em outras áreas. Durante o ano de 2016, a partir de um convênio com a Universidade Federal de Santa Maria, as crianças e adolescentes que necessitavam receberam tratamento oftalmológico. Já neste ano de 2017, os alunos estão tendo a oportunidade de consultar o dentista. “Mas o bom de tudo é que a gente pode ajudar, porque as nossas crianças tem muitos problemas, então a gente procura dar aquele suporte”, afirma Maria Ivonete.

Esta professora, que descobriu o poder de ajudar seus alunos na profissão, entrou para o curso de Educação Física sonhando em fazer Fisioterapia. O curso passou sem ela saber se estava no lugar certo, mas o estágio colocou um ponto final nesta dúvida, começou a ter contato com os alunos e se encantou. “A educação física dá um retorno muito bom para o professor, eles gostam muito e é uma coisa da qual eu não me arrependo”, declara Maria Ivonete. Fora das quadras, seu currículo conta com a experiência no laboratório de informática e com seu atual cargo, a vice-direção.

O professor de sala de aula, ou de quadra, como é o caso de Maria Ivonete, tem maior proximidade com os alunos, mas a vice-direção permite uma visão mais ampla daquilo que acontece na escola. “Quando os alunos não estão indo bem, os professores nos passam a situação, a gente chama o estudante, conversa, se eles não melhoram a gente chama os pais, pede a ajuda deles”, explica a professora, que tenta passar aos alunos a importância do conhecimento, a ideia do estudo como uma propriedade de cada um, que não deve ser feita para mais ninguém.

“A gente aprende a trabalhar dentro de um sistema precarizado, que não é como a gente gostaria de fosse, a gente tenta se superar para fazer o melhor para os alunos, é uma superação diária”, declara Maria Ivonete. Além da superação, a educação lhe ensinou a ceder, ser mais flexível e a entender que nem tudo é como se espera que seja.

3.2. Reflexão sobre o desenvolvimento dos perfis

O município de Santa Maria conta com 77 escolas, que abrangem desde o Ensino Infantil até a Educação de Jovens e Adultos (EJA). São 1.725 servidores, de acordo com o portal da transparência da Prefeitura Municipal de Santa Maria, somente

na Rede Municipal de Ensino². É preciso então compreender que os seis perfis deste trabalho não apresentam, e nem é o objetivo, uma perspectiva muito ampla do que é ser professor municipal. São as histórias de vida de quem se dedica à educação nas seguintes instituições: Escolas Municipais de Ensino Fundamental Sérgio Lopes, Aracy Barreto Sacchis e Euclides da Cunha e Escola Municipal de Educação Infantil Darcy Vargas.

São diretoras, vice-diretoras e coordenadoras pedagógicas em sua maioria, com formação superior especialmente em pedagogia, mas com representantes dos cursos de História, Letras e Educação Física. São também mulheres, afinal, segundo dados das Sinopses Estatísticas da Educação Básica, realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), pelo menos 80% dos professores da educação básica brasileira são do sexo feminino.

E essa maioria é perceptível nas escolas de Santa Maria, o que refletiu na predominância feminina. Diferentemente da escolha das escolas, por questões de região e variação de ensino, como escolas específicas em educação infantil, as perfiladas, em sua maioria, não foram escolhidas, quem não estivesse ocupado e se sentisse confortável para contar a própria história seria o entrevistado.

A metodologia utilizada para a produção dos perfis foi a entrevista, que é a base da maioria das produções jornalísticas e, por isso mesmo, não é algo simples, existem diversas formas e técnicas de se abordar uma fonte ou um personagem. De acordo com Cremilda Medina (2008, p. 15), existem duas tendências em que é possível agrupar as entrevistas: a espetacularização e a compreensão.

A partir disso, a autora apresenta algumas subdivisões. A espetacularização é dividida nos seguintes subgêneros: perfil do pitoresco; perfil do inusitado; perfil da condenação; e perfil da ironia “intelectualizada”. Já a compreensão é dividida da seguinte forma: entrevista conceitual; entrevista/enquete; entrevista investigativa; confrontação – polemização; e perfil humanizado, sendo este último, uma “entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 2008, p. 18).

² Disponível em https://www.santamaria.rs.gov.br/docs/transparencia/2017/tqf_20170410-486.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2017.

Mas, de modo geral, as entrevistas servem para fechar lacunas em matérias, dar aspas para alguém importante ou que saiba falar sobre o assunto tratado e, como afirma Medina (2008p., 18), os créditos são normalmente dados às fontes do Poder, seja ele político, econômico, científico ou cultural. Ou seja, “a predeterminação de quem se deve ouvir na reportagem é inerente ao jornalismo acoplado a grupos de poder” (MEDINA, 2008, p. 35).

Isso mostra que a mídia está longe de uma comunicação democrática e o jornalista que busca sair deste ciclo vicioso precisa, de acordo com Cremilda (2008, p. 37), de uma modernização técnica dos processos profissionais e da busca constante pelo diálogo. Desta forma será possível alcançar a definição que Medina faz (2008, p. 8): “A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”.

Dentre os perfis, apenas dois foram pré-agendados, o de Vanessa Flores, da EMEF Sérgio Lopes, e o de Marcia Beck, da EMEI Darcy Vargas. São também as únicas com as quais existiu um contato prévio. Vanessa foi pensada pela quantidade de atividades diversificadas que os alunos da escola Sérgio Lopes participam e pelo sucesso que eles encontram nestas questões. A ideia foi compreender o objetivo dessas atividades e como Vanessa vê a influência delas em nos estudantes. Já Marcia traz consigo uma história diferente para contar, seus quase 20 anos fora das salas de aula. Como alguém que parece tão feliz e confortável na profissão se manteve afastada, se dedicando a cargos tão variados? A curiosidade, então, foi o que levou a este perfil.

Apesar de visões diferentes sobre educação, personalidades e histórias de vida também distintas, a base das entrevistas foi a mesma. Cerca de 10 perguntas que abrangiam desde a realidade da escola, passando pelo motivo que determinou a escolha da profissão, até uma das questões-chave: o que te faz continuar na educação e acreditar nela? Além disso, algumas perguntas foram surgindo durante a leitura do livro *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire.

Nesta obra, ele levanta duas discussões que se complementam: a incompletude humana e a importância de utilizar a realidade do aluno de maneira metodológica. Quando nos enxergamos e assumimos como seres incompletos, a ideia de estar sempre

aprendendo se coloca como básica ou, como afirma Freire (2016, p. 57), “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente”. Este é para ele um saber fundante da prática educativa.

A pergunta feita aos entrevistados é “O que você aprendeu durante seus anos de sala de aula?”, baseada na seguinte afirmação de Paulo Freire (2016, p. 25): “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”. Então, a ideia de sermos seres inconclusos permite aos professores, assim como a todos os seres humanos, aprenderem algo com alguém, que neste caso é o aluno. Esta abertura também permite que o professor conheça o aluno e sua realidade e incorpore-a a suas aulas.

Paulo Freire, como já mencionado anteriormente neste trabalho, fala na importância da justa raiva, aquela que se opõe às injustiças. Ele vê muito poder na realidade dos alunos e, assim como na justa raiva, enxerga na violência e na morte bases pedagógicas interessantes, o que fica explicitado no seguinte trecho:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? (FREIRE, 2016, p. 32).

De maneira um pouco menos direta, uma de minhas perguntas foi “você acha que a realidade em que os alunos vivem influencia no modo como eles enxergam a educação? De maneira positiva ou negativa.” Talvez a minha abordagem não levasse aos questionamentos que Freire faz, então as respostas apresentaram variados tipos de visão. A desmotivação causada por não achar que tem um bom futuro pela frente parece ser o maior empecilho entre realidade x escola. Em visão diferenciada, a perfilada Christiane Diehl considera problemática a relação entre a liberdade excessiva concedida pelos pais aos filhos e o comportamento destes na escola.

A realidade dos alunos foi a base para algumas das perguntas. Além da já previamente colocada aqui, as perfiladas responderam a questionamentos sobre a realidade da comunidade escolar e dos alunos e também de que forma elas, considerando seus cargos, buscam contribuir para melhorar a realidade destas crianças e adolescentes. Isto a partir da observação de que muitas vezes os alunos de escolas

municipais, que se encontram em zonas periféricas da cidade, não costumam vislumbrar um futuro acadêmico ou esse futuro parece algo impossível.

Liliana Pincolini, umas das perfiladas, trabalha com uma forte metodologia freiriana e acredita que o objetivo da escola é formar sujeitos, que possam ter opções e fazer escolhas. A escola Euclides da Cunha, local onde a entrevista aconteceu, fica na Vila Carolina, região de conhecida violência e notícias sobre tráfico de drogas. Certo dia a escola recebeu a informação de que houve um tiroteio nas redondezas e Liliana ouviu de uma aluna que aquilo era normal. Ela sabe então que seu papel é mostrar para os estudantes que certas coisas não são normais e que eles podem ter uma nova realidade.

Além disso, partindo para um cunho mais pessoal, as perfiladas responderam sobre suas escolhas acadêmicas e profissionais. “Qual o seu histórico com a educação? Por que escolheu a profissão? Qual o caminho que percorreu até este momento?”. Estes questionamentos trouxeram respostas inspiradoras, de algumas dúvidas, de outras certezas, de dificuldades e de superações. São histórias também que coincidem umas com as outras. Vanessa e Marcia nasceram no interior e sonhavam desde criança em ser professora; Marcia e Christiane ficaram anos fora das salas de aula; Christiane e Janete tiveram dúvidas se a educação era o seu lugar; Liliana e Vanessa precisaram superar obstáculos.

Quando questionada sobre o motivo de escolher a educação como profissão, Vanessa refletiu que provavelmente foi influenciada pelas suas professoras na escola pequenina em que estudava. O que também a levou à conclusão que sempre preferiu trabalhar em realidades periféricas, como um dia foi a sua. Ela fez uma análise da própria vida e dos motivos porque se dedica tanto à educação. Esse é um dos objetivos do jornalismo, colocar luz naquilo que é invisível aos olhos, que neste caso foram as escolhas de Vanessa.

Edvaldo Pereira Lima (2014, p. 20), fala exatamente sobre os significados das coisas, das nossas escolhas:

O que existe no mundo material e visível está relacionado a algo invisível que só podemos entender pelo que representa. [...] Não compreendemos o significado mais delicado ou profundo das coisas. Porque não fomos estimulados a enxergar o invisível. Não fomos educados para perceber o fio delicado de conexão sutil entre tudo, os significados simbólicos dos objetos, dos eventos, das atitudes das pessoas.

A maioria das perguntas feitas às perfiladas buscam trazer reflexões sobre a prática de cada uma na educação, quais são as motivações que levam às escolhas. É o amor? É querer mudar o mundo? É fazer com que todos tenham chances iguais? As respostas para a pergunta “o que te faz continuar na educação e acreditar nela?” trazem consigo certos ideais, a crença de que a educação tem uma importância e poder gigantescos; e a certeza de que com amor e dedicação é possível mostrar aos alunos que eles podem mudar a própria realidade.

A ideia é que os perfis apresentassem uma feição otimista sobre o “ser professor”, porque, como afirma Edvaldo Pereira Lima, o Jornalismo tem certa tendência, pode-se até chamar de vício, em focar em assuntos negativos ou em abordagens negativas das situações. “Há uma predileção pelas coisas ruins da vida, pelas tragédias, pela visão demasiadamente cínica das coisas, derrotista” (LIMA, 2014, p. 84). Além disso, a perfilada Liliana conta que após ler o livro “Educomunicação: Imagens do professor na mídia”, do autor Adilson Citelli, ela pode confirmar que a mídia não é muito a favor dos professores, encerrando sua fala com a seguinte frase “é que nós somos perigosos mesmo, nós queremos que as pessoas pensem, sejam sujeitos e isso é perigoso”.

Mas nem por isso todas as perguntas tinham um cunho positivo, como quando questionadas sobre: “quais são as maiores dificuldades da educação?”, que trouxe problemáticas desde a questão salarial, sempre muito presente quando o assunto é a educação básica, até o desinteresse do aluno e a falta de motivação; e “você se sente responsabilizada pela formação dos alunos (tanto pessoal quanto intelectual)?”, que obteve em sua maioria respostas sobre a importância da família trabalhando em conjunto com os professores, para que não haja sobrecarga de responsabilidades em ambos os lados. Após esse questionamento inicial, as professoras eram levadas a refletir sobre como resolviam os problemas e de que forma ser responsável é algo bom ou algo ruim.

Superar as dificuldades, sejam elas dentro da escola e da sala de aula, sejam elas sociais, dá luz a atitudes importantes dos profissionais da educação. Vanessa, por exemplo, é diretora de uma escola de difícil acesso, uma das únicas escolas do município que oferece turno integral e que comporta cerca de 180 alunos em situações diversas de vulnerabilidade social. Ela descobriu nos talentos dos alunos uma forma de

superar os problemas e se utiliza deles para mostrar aos alunos todas as oportunidades que eles podem ter.

Já Christiane e Liliana enxergam na desvalorização do professor, por parte das famílias e também da sociedade em geral, uma barreira a ser ultrapassada. A desvalorização começa nos salários muito baixos e vai até famílias que esperam das professoras a transformação das crianças e adolescentes e não enxergam todas as dificuldades encontradas dentro das salas de aula. Mas Liliana afirma que não se desvaloriza, sabe que seu trabalho é fundamental e enxerga esta mesma atitude nas equipes com as quais trabalha.

As perguntas eram fechadas para que os perfis pudessem apresentar certa unidade entre si, o que foi conquistado. É muito interessante ver pessoas tão diferentes, com históricos diferentes, se encontrarem nas ideias e nos ideais, as perfiladas e seus respectivos perfis se encontram em diversas coincidências. Mas nem por isso as perguntas não saíam da ordem ou questionamentos que o momento pediu não integravam a entrevista. A fala de Vanessa foi a que mais fugiu a ordem pré-determinada, a realidade da escola e dos alunos entrou em primeiro lugar, para só depois a professora contar a sua história. Márcia e Christiane tem o fator diferencial de terem ficado longe das salas de aula por certo tempo, o que no caso delas se tornou uma pergunta extra.

Uma entrevista que visa apenas obter respostas, de acordo com Cremilda Medina (2008, p. 5), “certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica”. O diálogo proposto pela autora exige atenção por parte do entrevistador àquilo que sua fonte diz, suas deixas para novos questionamentos. Mas nem sempre o repórter está preparado para uma entrevista que não se molda em diálogo, “não se pode quantificar e sistematizar as atitudes criativas, elas serão sempre uma resposta pessoal a dada situação” (MEDINA, 2008, p. 31).

Para dar voz aos personagens jornalísticos é comum ou o uso das aspas ou de travessões. No Jornalismo Literário, ou mesmo em textos jornalísticos que buscam fugir do padrão, o uso de travessões costuma substituir as aspas. Mas mesmo no jornalismo tradicional é possível encontrar esta substituição. “Isso ocorre, no entanto, em duas situações: ou porque o repórter procura dinamizar o estilo e introduzir uma variável não

rotineira, ou porque o travessão dá mais autenticidade à fala do protagonista da ação” (MEDINA, 2008, p. 54).

Os perfis deste trabalho trazem as vozes das perfiladas entre aspas, pela simples questão de manterem quem escreve o texto fora dele. O travessão, como é comum na literatura, parece abrir espaço para o diálogo, a conversa entre os personagens da matéria ou, neste caso, do perfil. O que não era o objetivo dos perfis, que buscavam colocar a luz em uma só pessoa, a professora perfilada. Como afirma Medina (2008, p. 56), “o perfil é o subgênero que possibilita grande número de opções de estilo” e, ainda segundo ela, o jornalista pode recorrer à primeira pessoa (do entrevistado), que é o caso dos perfis deste trabalho, à segunda pessoa (a quem se dirige o jornalista-autor) e o estilo perguntas e respostas.

A entrevista com a perfilada Vanessa foi a primeira a acontecer, foi também a mais longa, com 32 minutos de duração, mas não foi o primeiro perfil a ser produzido e, quando sua hora chegou, foi um dos mais complicados. Não por falta, mas por excesso de informação; Vanessa tem uma história muito rica com a educação e contou diversas situações as quais vivenciou nos seus anos de escola. Selecionar o que pode ser considerado o mais importante em seis páginas de transcrição e transformar em três páginas de perfil foi desafiador.

O perfil de Marcia já saiu quase pronto da entrevista. Com o amor sendo a palavra-chave em cada linha, foi o primeiro a ser produzido. Foi a segunda entrevista e a base de perguntas já contava com algumas mudanças, como a adição da questão “o que você aprendeu durante esses anos de escola/sala de aula?” e a pergunta sobre histórias inspiradoras na educação foi retirada, para que se houvesse um relato interessante, ele surgisse naturalmente.

Christiane foi a primeira perfilada desconhecida e que trouxe um ponto de vista diferente, especialmente porque entrou na educação quase sem querer, passou anos achando que a sala de aula não era o seu lugar e também porque não vê na questão salarial um problema. Ela trouxe a ideia, que se seguiria depois em outros perfis, de uma educação sem romantismos, que não quer mudar o mundo, mas que se esforça em cumprir o seu cargo da melhor maneira possível.

A ideia inicial era um perfil por escola, mas na EMEF Euclides da Cunha três professoras aceitaram participar do projeto. A primeira foi Maria Ivonete que, considerando a entrevista de apenas 12 minutos com pouca informação, parecia não render um perfil. Mas ao fazer a transcrição e prestar atenção aos detalhes foi possível encontrar material para construir um texto. É um perfil que reforça a não-romantização da educação, mas que mostra uma professora que quer ajudar seus alunos, seja se preocupando com a alimentação das crianças, seja buscando parcerias para a escola.

Em seguida, foi a vez de Janete, a professora de línguas que está, depois de aposentada, testando novas atividades na educação. Foi também uma entrevista longa, assim a como a da perfilada Vanessa, mas com uma carga informativa bem menor, tanto que, provavelmente, é o texto com menor quantidade de aspas. Ela forma, junto com Christiane e Maria Ivonete, a tríade das professoras que não enxergavam na educação o próprio futuro profissional e, talvez por isso, vejam a educação de forma mais prática e menos emocional.

Por fim, a última entrevistada para esta série de perfis foi Liliana que, como boa professora de história, enxerga na educação um campo de lutas e apresenta a fala mais política dentre as seis. Ela tem certeza que a educação pode mudar o mundo, que nenhuma outra profissão traz tamanho reconhecimento; seu objetivo é formar sujeitos e transformar, um pouco cada dia, a educação tradicional em algo que respeite mais a individualidade dos alunos. Junto com Vanessa e Marcia, ela forma a tríade das professoras românticas, que querem mudar o mundo de mãos dadas com a educação.

As entrevistas aconteceram entre os dias 23 de março e 26 de abril e estão aqui colocadas em ordem cronológica, mas no corpo do texto os perfis aparecem em sua ordem de produção, que parece ter um sentido além deste primeiro; as histórias estão divididas em duplas, que parecem se complementar. Primeiro Marcia e Christiane, as professoras que, cada qual com sua motivação, ficaram longe das salas de aula. Além disso, trazem duas visões diferentes de como é trabalhar com a Educação Infantil.

Em seguida, temos Vanessa e Liliana, as professoras de luta. A primeira luta por uma educação que se baseia nos talentos dos alunos, já a segunda quer mudar a educação pelo próprio professor, sua forma de ensinar e de se relacionar com o aluno. Por fim, temos Janete e Maria Ivonete que enxergam a educação do alto de seus 30 anos de experiência na sala de aula.

Considerações finais

Quem faz a educação municipal de Santa Maria? Se os seis perfis que compõe este trabalho conseguem responder esse questionamento inicial é difícil dizer, mas eles colocam a luz nestes personagens tão importantes para a educação e tão esquecidos e tão desvalorizados. Pelo o que encontramos aqui, quem faz essa educação são pessoas com base no amor, na vontade de ajudar ao próximo, na crença de que a educação é grandiosa.

Formar alguém, se sentir responsável por isso, a educação é um campo repleto de comprometimentos. E também de histórias. A professora que precisou lutar pela própria educação; a professora que na verdade queria ser fisioterapeuta; a professora que foi afastada pela vida das salas de aula por quase 20 anos; a professora cujo avô ajudou a construir uma escola; a professora que não queria ser mãe depois de estar dentro de uma sala de aula; a professora que quer se livrar do tradicionalismo na educação.

O jornalismo proporciona esse conhecimento levemente aprofundado de pessoas muitas vezes fora de nosso convívio, com experiências distantes das nossas e sabedorias que podemos absorver. A educação municipal lida com a forte vulnerabilidade social de seus alunos, a violência na qual estão muitas vezes inseridos, a morte presente, o tráfico de drogas no entorno. E assim, a comunidade escolar, desde professores, passando pela coordenação, até chegar à direção, precisa aprender e desenvolver formas de ajudar essas crianças e adolescentes.

Não é somente com a aprendizagem, com a formação acadêmica, as escolas vão além. Pode ser incentivando seus alunos a participar de todas as modalidades esportivas, em busca de seus talentos latentes ou fazendo parcerias para que as crianças e adolescentes consigam consultas oftalmológicas e dentais ou ensinando na prática que situações simples, como a fila da merenda, podem ser resolvidas com conversa, sem brigas. Dificilmente é possível enxergar tais atitudes quando vemos a educação à distância de nossas realidades. De perto, como esses perfis buscam mostrar, o esforço das escolas e de suas professoras é palpável.

Paulo Freire, na introdução de seu livro *Pedagogia da Autonomia*, deixa clara qual sua posição frente à educação que, em certos níveis, pode ser ligada ao pensamento

jornalístico, como coloca no seguinte trecho: “daí o meu nenhum interesse de, não importa a ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos” (2016, p. 16). Os perfis, mesmo sem apresentarem a voz do narrador, trazem opiniões e escolhas que quem os escreve optou por fazer.

Então, mesmo que o objetivo inicial fosse apresentar os personagens secundários da educação e sua relação com a profissão, a partir da fala das professoras perfiladas, os perfis se transformam também em manifestos. Contra a falta de verbas para a educação, que faz com que a comunidade escolar precise usar dinheiro do próprio bolso para levar suas crianças e adolescentes em atividades fora da escola e até mesmo para alimentar os alunos, mas é também em favor de um ensino mais humano, menos tradicional, que enxergue a individualidade dos estudantes, seus talentos e suas aspirações.

Referências Bibliográficas

- ARBEX, D. **Holocausto Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- BAUMAN, Z. **Sobre Educação e Juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRUM, E. História de um olhar. In: _____. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre, RS: Arquipélago Editorial, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 54ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2016**. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educaca-basica>>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- LIMA, E. P. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1995.
- MALCOLM, J. **O jornalista e o assassino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- MELO, J. M. de. A crônica. In: GALEANO, A.; CASTRO, G. **Jornalismo e Literatura**: A sedução da palavra. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.
- MENEZES, R. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: GALEANO, A.; CASTRO, G. **Jornalismo e Literatura**: A sedução da palavra. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. **Tabela de Distribuição dos Servidores por Órgãos e Entidades**. Santa Maria, 2017. Disponível em: <http://www.santamaria.rs.gov.br/transparencia/?secao=quadro_funcional>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. **Relação das escolas, diretores e endereços**. Santa Maria, 2011. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/smed/?secao=documentos&tipo=138&lista=1>>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- RIBEIRO, D. Sobre o óbvio. In: CANELA, G. **Políticas públicas sociais e os Desafios para o Jornalismo**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TALESE, G. **Fama e Anonimato**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VICCHIATTI, C. A. **Jornalismo: Comunicação, Literatura e Compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.

VILAS BOAS, S. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

Apêndices

Apêndice A – Lista fechada de perguntas feitas às perfiladas

- Nome completo; formação; anos de escola; cargo atual; idade.
- Qual a realidade da escola/dos alunos (desde número de alunos, até características da comunidade)?
- Histórico como professora (por que escolheu a profissão? qual caminho percorreu até chegar onde está hoje?).
- Quais as maiores dificuldades da educação? Como superá-las? Quais conquistas que te fazem continuar? (olhando para os anos de profissão, quais foram as situações que você viveu que te fizeram pensar: é por isso que estou aqui.).
- Considerando a realidade em que vivem os alunos, de que forma você tenta contribuir para um “futuro melhor”?
- Você acha que essa realidade influencia no modo como eles se relacionam com a educação? Positiva ou negativamente?
- Como é ser responsabilizado pela formação dos alunos (tanto intelectual, quanto pessoal)? De que forma isso pode ser positivo ou negativo?
- O que você aprendeu durante esses anos de escola e sala de aula?

Apêndice B – Transcrição entrevista Vanessa Flores

(realidade da escola) Então, a escola tem 184 alunos, a maioria dos que são do ensino fundamental são aqui da região, mas para a educação infantil a gente recebe bastante alunos de fora, porque é uma das únicas escolas que oferece turno integral, então essa demanda dos pais nos traz uma demanda de alunos. A realidade da comunidade da Renascença é singular, peculiar eu diria. Eu já trabalhei em outras escolas e eu converso muito com os professores e aqui é como se fosse um universo paralelo, eles têm uma cultura própria, é também uma região de muita vulnerabilidade, as crianças passam por diversas dificuldades, o tráfico de drogas e uma delas, mas desde questão das mães que sofrem violência dos pais, de seus companheiros, as crianças que vivem nesse meio e reproduzem isso. Essa semana mesmo, durante o recreio, surgiu uma brincadeira das crianças e veio uma menina e me disse: “profe, olha aqui o fulano deu uma varada no meu braço, machucou, está vermelho”, e eu disse: “mas o que é isso, o que está acontecendo?”, e ela me explicou “a gente estava brincando de papai e filhinho e daí ele deu com a vara em mim”. Quer dizer, ele reproduz algo que ele vive. Chamei ele para conversar, chamei os pais das crianças para conversar e daí no que eu fiz isso, quando eu falei o relato do que tinha acontecido, eu notei o olhar da mãe para o pai, e isso me justificou exatamente o que eu tinha percebido dessa reprodução. Nós temos também muita gravidez na adolescência aqui, as mães tem 29/30 anos e já tem filhos adolescentes, então tiveram filhos com 13/14 anos. Pobreza, famílias numerosas, mas ao mesmo tempo são muito participativos, respeitam a escola. Os problemas que a gente está tendo de violência não são com famílias ou crianças que tenham relação com a escola, são com outros adolescentes que não frequentam a escola e a gente sabe que a escola é o único lugar do bairro que eles têm algum espaço de lazer, mas ao mesmo tempo esse espaço foi concedido a eles, porém aconteceram diversos problemas, de uso de drogas, de briga na quadra e a gente precisou suspender isso, até por uma conversa com os pais. E hoje a resistência que esses adolescentes tem e a violência que a gente vem enfrentando é em relação à isso, ao fato de eles quererem usar essa quadra, mas como eles não tem essa convivência, como eles não conseguiram utilizar essa quadra, esse espaço que era deles, a gente está tendo um certo cuidado para que não aconteça de ter alguma coisa mais grave no pátio da escola com o nosso aval, então é isso que acontece. Mas a realidade é muito peculiar, tem algumas famílias que o pai teve filho com três irmãs, então ao mesmo tempo em que eles são irmãos eles são primos. Temos

casos de alcoolismo, de crianças violentadas, nós temos um aluno que está abrigado, vem do lar todo dia para a escola, além disso, temos os casos de inclusão, muitas crianças diagnosticadas com o transtorno opositor desafiador, então é uma realidade peculiar. São poucos estudantes, mas parece que eles se multiplicam, porque os problemas são muito grandes. Ao mesmo tempo, eles são muito talentosos, são crianças e adolescentes nos quais a gente aposta, eles precisam de uma oportunidade, de uma chance na vida. Então, a gente vê esses adolescentes, o quanto que eles são talentosos no esporte, são inteligentes, mas a escola precisa trazer outras oportunidades para que eles possam ampliar esses repertórios, porque senão eles vão ir para o tráfico, porque aqui quem passa bancando, de boné e tênis, com arma na cintura, isso também atrai os olhares, então a gente tem que mostrar outros caminhos possíveis, a gente tenta fazer isso por nossos exemplos de vida.

(como superar a realidade, estimular outros lados) Eu vou te dizer que não é fácil, porque a gente busca de todas as formas. Ano passado, nós chegamos aqui na escola e com todas as dificuldades de infraestrutura, de materiais e de pessoal para trabalhar, nós começamos a identificar os talentos dessas crianças. Essa nossa aluna que joga futebol, que está jogando em Pelotas e que o professor teve aqui naquele dia (Dia da mulher), conversou, ela é realmente alguém que tem um talento, que provavelmente esse ano tenha uma convocação para a seleção. Ela foi uma observação dos professores na aula de educação física, eles nos passaram e nós fomos atrás de viabilizar que ela fosse até lá, mas com os nossos recursos, com a nossa forma de ajudar, porque é alguém que vem de uma família de dez irmãos, que tem toda a dificuldade, então a gente procura sempre observar, olhar muito para eles, buscar deles o que eles têm de melhor. O xadrez da mesma forma. Eles tiveram um professor em 2015 que acabou nos ajudando bastante nessa forma de identificar esses talentos, ele veio conversar, nos falou que aqui o xadrez é muito forte e a gente continuou incentivando. A música também, eles tinham interesse por música, então a gente foi na universidade e conseguimos através da professora do curso de música, ficaram dois estagiários durante o ano passado aqui. No primeiro dia de aula do ano passado, eles tiveram uma atividade cultural com o Jardim dos Cata-ventos, o que surpreendeu bastante porque eles vieram esperando ficar um atrás do outro, já copiar e a gente fez essa atividade. Então a gente busca fazer com que eles participem de todos os eventos esportivos, buscamos também levar eles em algumas atividades culturais, o que nem sempre é possível porque temos muita dificuldade para

conseguir ônibus, a gente manda ofício tanto para a prefeitura, mas conseguimos bastante com a planalto, a empresa nos ajuda quando a gente tem algum passeio, uma vez por mês eles sempre disponibilizam. Mas a gente foi correndo atrás, porque a gente percebeu (acho que isso é um pouco de reflexo de história de vida – eu sou uma pessoa que venho do interior, minha escola só tinha até a 5ª série, e eu sabia que era só através do estudo que eu poderia não reproduzir aquilo, porque quando eu passei da 5ª série para a 6ª não tinha mais escola onde eu morava, daí meu pai disse que eu não ia mais estudar, eu sou a irmã mais velha, e eu lembro da minha mãe insistindo muito com ele, porque ele achava que ia se perder, ia namorar, coisas assim, e ele disse uma frase que eu nunca vou esquecer “ela não precisa estudar, ela não é deferente dos outros e ela já sabe escrever o nome para casar”, então esse era o meu destino. Hoje meu pai é muito orgulhoso de mim e da minha irmã, que é professora na universidade e da minha outra irmã que concluiu o ensino médio, não fez faculdade por opção dela. Então nós estudamos porque era a única via possível, a gente sabia que era através do estudo) e eu tento mostrar para eles é ampliar esse mundo deles e daí de toda forma e daí a gente corre atrás de quem faz show beneficente, ano passado nós tivemos um e esse ano vai ter de novo; a gente faz toda a coisa de ação entre amigos, de festa junina e sempre guardo um dinheirinho desses para ou pagar passagem do transporte para os jogos, ou a gente junta alguns carros para levar os alunos nos lugares, porque a gente acha que o nosso principal papel aqui é mostrar para eles que existe outra realidade além da Vila Renascença, que as meninas não precisam decidir a vida aos 15 anos, que já é engravidar de alguém que trabalhe, que é “bem de vida”, para resolver a sua vida. Outra coisa que a gente faz também é termos estagiárias que são da comunidade, nós temos incentivado elas a estudar, que estão fazendo curso de magistério, e isso tem sido uma referência para as outras meninas, que é demonstrar que é possível fazer algo diferente na vida, mas mesmo assim a gente tem adolescentes grávidas aqui na comunidade (na escola não tem nenhum caso) e que a gente procura sentar e conversar, ou quando tem uma menina morando com alguém muito mais velho a gente tenta fazer uma orientação, porque muitas vezes as mães não falam e também acham bom que namorem e casem aos 15/16 anos, porque (infelizmente) é um a menos que tem que sustentar. E assim essas meninas vivem toda essa situação, já chegou aqui mãe de olho roxo, relatos de pais querendo bater na filha grávida, pai alcoólatra. Então o que a gente quer e faz é largar essa visão de mundo deles, é que eles pensem que eles podem mais do que aquilo. Esse menino mesmo, o do xadrez, tem dois que são muito talentosos, o pai dele

foi assassinado (não se sabe se foi isso ou suicídio), e um dia ele brigou e eu chamei ele para conversar e perguntei o que estava acontecendo e ele me disse: todo mundo diz que vou ser igual ao meu pai e daí eu disse assim, as escolhas do teu pai foram dele, tu vai fazer as tuas escolhas, cada um de nós faz as suas escolhas. Quando ele venceu o Jesma, eu disse olha aí, tu tem um caminho lindo pela frente, tu tem que focar nesse caminho, fazer as tuas escolhas, cada um faz as suas, tu não precisa reproduzir o que a tua família ou o teu pai faz, vamos investir nisso. E agora ele já está conseguindo patrocínios, já está envolvido para conseguir ir nas coisas de xadrez. Então eu acho que a primeira coisa é acreditar neles, é o que mais me motiva a fazer as coisas, talvez plantar uma semente neles, que eles possam buscar outras coisas, é empoderá-los, é empoderar as meninas quanto à feminismo (palestra na escola), é empoderar para que eles possam vencer esse ciclo, a gente quer fazer essa transição, eles não precisam reproduzir a vida que os pais ou as mães tem, que muitas vezes eles mesmos sabem que não é boa, e que a vida que eles querem, a gente sempre diz que a gente tenta embarcar no sonho deles e da forma que a gente pode tenta ajuda-los, encaminhar, buscar apoio.

(Responsabilidade do professor pela formação do aluno) Eu acho que me cobro muito quanto a isso, mas eu acho que a gente tem feito um trabalho e eu penso que mesmo que às vezes essa paixão toda pela educação sobrecarregue um pouco, o que a gente tem tentado fazer é dividir isso com a família. Quanto é nossa parcela de escola e quanto é da família, porque a escola não pode dar conta de tudo sozinha, a gente precisa da família junto, então isso que a gente tenta buscar, fazer essa relação com a família, com a comunidade, para que eles possam efetivamente ter uma formação integral. Mas eu vejo que muito a escola faz, e acho que tem que fazer, primeiro pelo exemplo a gente educa, como que a gente escuta eles, a forma como tu tem abertura para dialogar com essas crianças, a forma como tu entende que assim com a gente muitas vezes vai trabalhar com muitos problemas que nos afetam e que a gente não está naquele dia muito bem, às vezes os alunos tem também toda a sorte de problemas que também os afetam, e a gente tem que ser sensível a eles, mas eu vejo que quanto a isso de me sentir responsável inteiramente, não. Acho que a escola e a família trabalham juntas, senão a gente acaba não conseguindo dar conta de tudo, e não é possível porque a gente procura fazer, mesmo sabendo que na brincadeira do menino que deu a varada na colega, mesmo que isso possa acontecer em casa, quando eu chamo os pais eu procuro falar para eles que isso não é uma atitude legal, então ao mesmo tempo a gente vai dando uns

encaminhamentos para a família, mesmo sabendo que não seja assim que eles procedam, mas que faz pensar também.

(realidade x educação) Eles não têm perspectivas de vida e daí para eles a educação é mais uma obrigação, do que algo que seja importante, para a maioria deles. Ao mesmo tempo, quando a gente começa a revelar esses talentos, mostrar para eles que é a partir da educação e que é na escola que esses talentos se revelam. Agora tem olimpíadas de matemática, nós vamos inscrevê-los, fizemos concursos literários, e eles se destacaram. Com várias atividades nesse sentido eles vão se dando conta que a educação é sim algo importante, mas como os pais já não tiveram essa perspectiva, então a gente precisa ir mostrando que isso é importante e que eles percebiam. Eu vejo que eles têm muita resistência, até a tu ser mais carinhosa com eles, teve um aluno que me disse: “eu não quero que tu goste de mim, porque se tu gostar, se tu acreditar em mim, eu vou ter que dar a minha parte, vou ter que fazer alguma coisa (não gosta de mim, eu não sou legal, eu disse “não, tu é legal sim, eu vou gostar de ti”)” e hoje ele é um aluno super tranquilo, mas no início do ano passado ele me disse isso, a gente construiu uma caminhada, um diálogo. Mas a relação com a educação, assim como em outras realidades, é para passar de ano. O que a gente tem mostrado é que estudar, é para a vida.

(Por que escolheu a pedagogia) A minha mãe que sempre nos estimulou mais a estudar, porque o pai não via que era esse o caminho, ela sempre quis que a gente fizesse alguma coisa relacionada com a vida no campo, como veterinária (até fiz vestibular pra veterinária), mas eu sempre quis ser professora, acho que eu sempre soube, talvez por estudar naquela escola, pelas professoras que eu tive, eu não sei exatamente dizer o porquê. Logo que eu comecei a cursar pedagogia, eu me apaixonei por escola, fiz estágio, desde antes de me formar eu já estava trabalhando. Talvez tenha sido por essa realidade peculiar, por estudar em uma escola tão pequena, com poucos estudantes, que eu via a forma como as professoras se dedicavam a todos nós e como elas conheciam cada um e nos incentivavam, então eu acho que isso me motivou, aquele olhar da professora. Talvez se eu estudasse em uma escola grande, em que eu fosse só mais uma, eu não quisesse ser.

(Qual caminho percorreu) Durante o curso de pedagogia eu tinha bolsa PRAE, trabalhava em um projeto de pesquisa, depois tive bolsa de iniciação científica, e fiz

também estágio pelo ciece em uma escola na Santa Marta, na escola em que trabalhei depois por oito anos (fiz estágio por um ano e quando me formei já iniciei em uma turma de pré-escola). Nessa escola trabalhei como professora de educação infantil, fui coordenadora, trabalhei como professora de anos iniciais e nesse meio tempo eu também passei no concurso do município, em 2009. Em 2008 concluiu a especialização em gestão em 2008 e fazia especialização em docência na educação infantil. Ainda durante a especialização me inscrevi para o curso de mestrado e fui aprovada, e daí eu não tinha como conciliar duas escolas e acabei optando por ficar no município (2009 até 2013 na emei Luizinho de grandí, como professora e depois eleita diretora). Ainda enquanto diretora eu fui convidada para trabalhar na secretaria de educação, fiquei lá por três anos, e pedi para a secretária para voltar para a escola e nesse momento surgiu essa escola, que o convênio tinha sido encerrado, e a escola para o próximo ano não teria diretor nem nada, então a secretária me convidou para assumir a direção aqui. Eu não conhecia essa comunidade, eu não conhecia a escola, eu vim aqui e conheci a escola e os estudantes e aceitei o desafio. Mas vim eu e mais duas colegas, tinha só um prédio, muitas dificuldades estruturais, três professoras e 180 alunos. 2016 foi um ano de muitos desafios, 2017 ainda temos alguns, mas menores.

(o que te faz continuar na educação) Acho que é o brilho nos olhos dos estudantes. Quando eu olho para eles e eu vejo neles todos esses talentos, quando eu vejo que eles podem ser mais. Eu nunca trabalhei em realidade de elite, eu sempre trabalhei em realidade de vulnerabilidade, Nova Santa Marta, Santa Marta, Vila Renascença, e eu acho que nesses lugares tem que estar professores que acreditem nesses estudantes, e quando eu olho para cada um deles e eu vejo que eles podem ser e o que falta são oportunidades e a oportunidade da rua, do tráfico, são muito maiores. São eles, é cada um deles que me motiva a continuar, pensar que a gente pode estar formando uma nova geração, um mundo melhor. Pode ser meio romântico, mas é isso que me faz continuar, mesmo com todas as dificuldades do mundo.

(história) Eles jogaram o jasma de basquete. Primeiro que a gente não tinha nem cesta, então em um sábado de manhã os guris enjambraram uma cesta, que agora já caiu. Mas eles queriam jogar o jasma, então a gente veio nos sábados pela manhã para treinar, o ex-professor deles veio voluntariamente para treinar. Eles tiveram três treinos. Eles foram jogar, não tinham camiseta, consegui umas camisetas emprestadas. Então eles estavam uniformizados, era no Sant'Anna o jogo, juntamos dois carros e levamos eles.

E daí nós chegamos lá, aquele ginásio lindo, e quando começou a descer a cesta, eles ficaram olhando chocados. O nosso time tinha sete, o Sant'Anna tinha uns 20 guris, todos uniformizados, e daí na hora eles começaram perdendo de 5 a 0, daí eu comecei a rezar e pedir para deus não deixar eles perderem de muitos pontos, porque eles vão ficar desmotivados e nunca mais vão querer jogar e exatamente o que a gente não quer é isso, a gente quer eles aqui para que se motivem. Não sei se a fé ajudou, mas talvez tenha sido uma falta de crença minha neles, mas acabou um dos tempos e eles começaram a jogar, acho que pararam de olhar para o ginásio, e viraram o jogo, de 8 a 7. Eu contei para eles que não tinha acreditado neles naquele momento, mas o quanto que eles me surpreenderam e que eu queria que eles me surpreendessem cada vez mais, que aquele jogo representava o quanto que eles podiam, que mesmo sem ter as condições, a gente não pode se vitimar. Na vida, eles vão sempre ter que dar um passo a mais, sempre vai ser mais difícil. Eu sempre falo isso, a gente nasceu numa condição que a gente sempre vai ter que correr atrás, se um se esforça x, eu tenho que me esforçar x e y, é mais um pouco que os outros. E esse jogo representou isso, o quanto que eles se uniram e puderam vencer, virar aquele jogo, que apesar das condições que nós não tínhamos, eles tinham um talento muito grande e eles conseguiram em equipe vencer as dificuldades. Eu falei muito com eles depois sobre isso, mas acho que ela é bem emblemática por mostrar o quanto eles conseguem, o quanto eles podem. Infelizmente a gente não tem, e isso as escolas públicas em geral, condições de dar a essas crianças aquilo que elas merecem para que elas possam evoluir, concorrer no mercado de trabalho, a gente não consegue isso, então o que a gente faz é buscar com o máximo de esforço fazer algumas coisas. Essa história do basquete eu gosto muito porque eu mesma cheguei num ponto que eu pensava “não vai dar”, eu só quero que eles fiquem bem, que não percam de tanto, e daí eles acabaram vencendo o jogo. E em outros momentos, quando eles não paravam em pé numa quadra de futebol porque não tinham tênis, ou um tira o tênis e dá para o outro, é tudo isso. A função do acreditar, de quanto a gente busca mostrar para eles para que um dia talvez eles façam para outras pessoas, eles sejam generosos. Eles são muito prestativos, ao mesmo tempo que as vezes tem dificuldade de convivência, essa tendência muito forte de se defender, eles são muito generosos, eles gostam de ajudar, são sempre muito participativos na escola, estão sempre envolvidos.

Apêndice C – transcrição entrevista Marcia Beck

(realidade da escola) A nossa escola conta hoje com 320 alunos, de um ano até cinco. Contamos com alunos de diversas realidades, desde a Vila Carolina e Vila Brenner até crianças que vivem no centro, então a nossa clientela é bastante variada. E nós temos bastante inclusões também, sete alunos incluídos neste ano. 16 professores no quadro. Quatro turmas integrais, das 8h às 17h. Nós temos filhos de presidiários, mães que vem com tornozeleira eletrônica, tem filho de advogado. É uma escola que tem de tudo um pouco. Para crianças não tem problema (a variedade de realidades), eles não distinguem nem diferenciam se o colega é diferente deles pela roupa, ou até mesmo pela higiene, eles não têm a maldade, por isso que eu gosto de trabalhar com educação infantil, para eles todos são iguais. Eles comem a bolacha do colega, eles dividem o mesmo copo de água, quem faz essa distinção é o adulto, a criança não tem, nessa idade, não tem maldade nenhuma, não tem preconceito, para eles todos são iguais. Então é ótimo trabalhar com educação infantil por isso, porque para eles não tem problema, eles não diferenciam nem os colegas da educação especial, eles não limitam o colega a participar de nada, eles convidam, eles estimulam os coleguinhas a brincar, porque para eles são todos iguais. (Em que momento a gente começa a enxergar as “diferenças”) Depende da maturidade da criança, da convivência em casa.

(histórico) Eu tinha uns seis, sete anos e eu brincava de ser professora nas paredes da minha casa, eu escrevia com carvão ou pedaços de tijolo, porque eu morava para fora. Eu sempre quis ser professora, não teria outra coisa para ser. Quando eu fui fazer magistério, meu pai não queria de jeito nenhum (por quê? professor só passa trabalho, só sofre). Eu me formei e fiquei 17 anos sem exercer a profissão. Eu sou bem realizada na minha profissão porque é algo que eu adoro fazer e eu só sei fazer isso. Eu seria muito infeliz, muito triste se eu tivesse que exercer outra profissão.

(porque ficou 17 anos sem exercer a profissão) Meu ex marido tinha uma empresa de ônibus e eu ajudava ele no escritório (detestava né), eu fiz concurso no estado, no município, mas não era chamada. Em 2008 (passou no concurso, mas só foi chamada em 2010) eu me separei e precisava trabalhar (não podia esperar me chamarem em concurso), então eu trabalhei de frentista num posto de gasolina por dois anos (foi meu primeiro emprego de carteira assinada, com 39 anos), nessa época eu já tinha até pós-

graduação (pra ti ver né, tu estuda estuda estuda, mas quando precisa trabalhar, vai no que tem). No posto de gasolina, eu conheci um oftalmologista, que me convidou para ser secretária dele. Durante um ano eu trabalhei com ele até ser chamada pelo concurso do município, daí foi minha felicidade total, para mim foi um sonho realizado. Antes de ser diretora da escola, eu dava aula para o maternal 1, quando eu entrei na escola não tinha berçário, então os menores tinham 2 aninhos, a primeira vez que vinham para a escola. Eu sempre queria essa turma, então eu só trabalhei com ela (5 anos com a mesma faixa-etária), porque eu gosto que eles vem para a escola e eles querem o que? querem carinho, colo, atenção, estão começando a se desprender da mãe, se adaptar longe de casa, sempre gostei disso. Eles começavam a caminhar com a gente, a falar, então para mim não tinha coisa mais linda. Depois a gente começava na parte pedagógica mesmo, e aí tu vai vendo como eles vão se desenvolvendo e crescendo e isso é muito bonito, acho essa parte da profissão a mais linda, porque tu vai vendo o crescimento daquela criancinha que está ali contigo. Se a gente fosse bem remunerada, seria o ideal do ideal, porque a gente não é, a gente passa trabalho, a gente tem dificuldade, a gente tira dinheiro do próprio bolso para comprar material para a sala, para poder trabalhar com os alunos, a gente investe, professor tem que investir em material pedagógico e didático, porque tu precisa e não tem, não pode se acomodar por não ter, ou tu compra, investe, cria, não tem jeito. Mas o que me motiva a trabalhar é a alegria que a criança proporciona, ver o crescimento delas, como ela chega aqui na escola, sem saber nem segurar a mamadeira sozinha. Tu começa a conviver todos os dias com aquela criança, eles ficam mais tempo com a gente na escola do que em casa, e eu como sempre trabalhei 40 horas, 9 horas do meu dia eu passo com eles, então a gente se sente mais que uma mãe, que além de mãe tu precisa ser professora daquela criança. A descoberta, quando tu vê que a criança aprende, quando ela consegue segurar uma tesourinha, na brincadeira que eles vão descobrindo, aprendendo, a felicidade deles quando eles conseguem fazer uma coisa, eles olham para ti buscando aprovação. Só do carinho que eles tem com a gente, os abraços que eles dão, os beijos, não tem profissão que me realizasse mais, porque eles gostam de ti mesmo, é um ser puro, eles ainda tem toda a ingenuidade da criança, sem maldade nenhuma, então o que eles tem para oferecer é o abraço, é o beijo, é aprender a te chamar de “pofê”, “poti”. Eu não tinha outra coisa para ser mesmo na vida. Eu sempre fiz todos os concursos para educação infantil porque é com o que eu me identifico, não sei se conseguiria fazer o mesmo trabalho com alunos mais velhos.

(o que os professores podem fazer para “mudar” a realidade dos alunos) O que a gente pode fazer nessa idade, o que eu sempre falo para as professoras aqui da escola (tá certo que tu tem mestrado, doutorado, ótimo, só que aqui na escola é preciso ter carinho e amor por eles), eu acho que isso é que ajuda na mudança deles, porque tem alguns que só recebem algum carinho aqui na escola, até o símbolo da escola é a girafa (a gente tem que ter o coração da girafa, que é 75 vezes maior que o coração de qualquer animal). Então a gente tem que ter esse coração enorme, porque é isso que eles precisam. Só a gente tratando eles com carinho, com respeito, a gente já pode mudar muito. A gente tem vontade de poder ajudar com recursos materiais, mas não tem como, então tu trabalhando isso com eles e entre eles também, do respeito e do amor ao próximo, isso ajuda muito porque eles levam para casa isso. Os maiorzinhos já dizem em casa, os pais vem falar para a gente, pedem com licença e por favor, coisas que eles não são acostumados a usar em casa, daí os pais resolvem também usar essas palavras. Eles falam também do lixo, do desperdício de água, eu sempre digo pra eles “não vão gastar toda água do planeta” e daí eles repetem em casa, quando veem a torneira aberta. Eu acho que se tu conscientizando de forma lúdica já é uma coisa muito boa, muito gratificante.

(responsabilização dos professores pela educação dos alunos) Professor de educação infantil tem uma responsabilidade enorme, tu pega a época da formação do caráter da criança, dos sentimentos que ela vai levar para o resto da vida. Então eu acho que a gente é super responsável sim, por isso que tu tem que estar muito preparado (não com cursos...), mas preparado contigo, de gostar, de amar sua profissão. Por isso que eu acho que quem trabalha com criança tem que amar não pouco, mas muito, porque é isso que a gente vai passar para eles. Está na mão do professor deixar essa criança com problemas até ou mostrar um caminho. Porque tu passa o dia inteiro com eles, eles são pequenos, eles aprendem contigo, tu é responsável sim. Em casa tem que ter responsabilidade com a educação, lógico que sim, é com os pais a educação, mas a gente tem que reforçar na escola, porque eles ficam mais tempo conosco do que em casa. Tu assumiu esse compromisso com a educação infantil, com as crianças, tu tem que ir até o fim, estar preparada e fazer tudo com muito amor.

(o que você aprendeu) Aprendi que a mínima coisa que tu faz pela pessoa, se tu fizer com amor, com vontade, com todos os sentimento bons que tu tem, as vezes tu nem

sabe que isso vai marcar a vida da pessoa, para a gente pode ser pouco, mas para eles tem muito valor. Qualquer brinquedo tu der, as vezes a gente recebe doações de brinquedos, tem algumas amigas minhas que têm filhos e me mandam sacolas de brinquedos, e a gente dá para aqueles que a gente sabe que não tem. Para eles o teu mínimo pode ser o máximo. Na educação infantil tem que ter amor, e eles sentem isso, e retribuem e isso é muito legal.

Apêndice D – Transcrição entrevista Christiane Diehl

(realidade da escola) É uma clientela boa, o que quer dizer que os alunos não são extremamente carentes, então como eles tem um pouco mais de recursos talvez eles não tenham tantas dificuldades de aprendizagem. Eu não trabalhei em muitas outras realidades, mas é o que a gente ouve falar. A gente tem sempre a família bem presente na escola, quando tem algum problema, a gente entra em contato com a família, a família vem, a gente conversa, a gente explica, esclarece, registra. E a família também, quando solicita, a gente atende. A gente sempre faz um trabalho bem integrado com a família. Nós ficamos em 4º lugar no IDEB. A escola conta com quase 700 alunos, de maternal ao 9º ano.

(por que professora) Eu vou ser bem sincera, não foi bem eu quem decidiu, a minha mãe sugeriu, porque eu não sabia o que fazer. Ela queria que eu fizesse magistério, que é o ensino médio profissionalizante, o curso normal, só que na época eu não quis. Quando chegou a época do vestibular eu queria fazer psicologia, mas eu tinha dúvida se eu ia gostar, aquela coisa de jovem que não sabe direito o que quer. Aí ela sugeriu a pedagogia e, por influência dela, eu acabei fazendo. Durante o curso eu não me imaginava como professora, então eu terminei o curso e fiquei sete anos sem atuar na área. Aí eu fiz concurso e comecei a atuar “nua e crua”, eu não tinha nenhuma experiência, a não ser durante três meses que fui contratada pelo município antes de passar pelo concurso, e eu gostei. Hoje eu me realizo como professora.

(por que sete anos parada) Eu achava que eu não ia gostar de ser professora e, além disso, eu mudei de cidade (Rio Grande) e lá não tinha muitas opções, para entrar numa escola particular era muito difícil, era muito fechado, eu não conhecia ninguém, então eu larguei currículo, mas nunca fui chamada. Mesmo com aquele medo de não ser o que eu gostaria, eu arrisquei, mas nunca fui chamada. Aquilo foi me desgostando, eu passei num concurso lá, mas nunca fui chamada. Aí eu acabei não procurando mais. Quando eu voltei para cá, fui convidada a ser tutora à distância na universidade, no curso de pedagogia. Foi quando eu ingressei na área e logo eu já passei no concurso. O tempo passa rápido, esses sete anos passaram voando, mas isso não me impediu. Eu acho que tive um crescimento em outras áreas, eu fui secretária, trabalhei em loja, eu tinha muita vergonha de falar em público e acho que esses outros cargos ajudaram a me desinibir um pouco.

(o que já fez como professora até agora) Trabalhei três meses numa creche, bem carente, na Chácara das Flores. Depois, quando eu passei no concurso, com 40 horas, para educação infantil e anos iniciais. E eu fiquei 20 horas aqui (Aracy) e 20 horas numa creche, mas eu comentei aqui que tinha vontade de ficar as 40 na escola, porque para mim é mais fácil. Então eu fiquei só um mês na creche e estou há quase nove anos aqui. Eu comecei com educação infantil e 5º ano, sempre tive 5º ano. Nesses quase nove anos eu sempre trabalhei com 5º ano. Desde o ano passado, eu trabalho de manhã com o 5º ano e de tarde com a coordenação. (por que 5º ano?)

(dificuldades e conquistas na profissão) Eu acho que a gente é pouco valorizada, pode parecer meio clichê, mas é verdade. A parte financeira, no decorrer dos anos, não é tão ruim. Claro, poderia ser mais, mas eu acho que é bom, a gente tem vários benefícios. Dificuldades acho que a gente tem com as famílias, eu costumo dizer que os pais hoje em dia se culpam porque trabalham demais, a mulher quando ingressou no mercado de trabalho eu acho que se culpou muito por não dar atenção para a família, isso é um pensamento meu, e eu acho que por isso acabam dando liberdade demais para os filhos e daí eles vem para a escola com valores distorcidos e nós professores não conseguimos resgatar isso. E isso recaí sobre a gente, porque a gente passa um período longo com eles dentro da sala de aula, a gente entra na vida deles e acho que isso é um dos problemas que a gente enfrenta, por isso que acontece tanto de aluno bater em professor e desrespeitar tanto.

(como superar as dificuldades) É o meu jeito de ser, vou te falar como eu sou e que não consigo mudar, eu sou muito amiga dos alunos, não sou só professora, eu sou amiga também, eu puxo eles para mim, eu converso; tanto que os meus alunos de dois anos atrás vem até hoje conversar comigo, pedir conselhos ou só dar oi, porque eu puxo muito eles para mim, às vezes eles me contam coisas que eu nem sei como agir, eu já me meti em cada rolo, eles me contam coisas que nem a família sabe, então já me disseram que talvez eu tenha que me distanciar um pouco, mas é o meu jeito de ser, eu não consigo mudar. É difícil mudar, já mudei um pouco, não entro tanto, deixo eles virem mais, mas é difícil porque é meu jeito de ser. Eu não sou só a professora que exige, que cobra, eu sou uma amiga também. Eu tento dessa maneira, puxando eles para mim, para que não fique maçante só o quadro, o giz, outras maneiras de entrar na vida deles, não só com a aprendizagem.

(conquistas e motivos para continuar na profissão) Eu te falei antes que eu acho que a gente não é valorizado, e isso é na sociedade, mas aqui dentro do meu ambiente de trabalho eu me sinto, porque eu fui crescendo. Eu trabalhei com a educação infantil e eu não me sentia com o perfil da educação infantil. Eu adoro criança pequena, mas eu me desgastava demais e eu chegava em casa e me sentia muito cansada, eu me deprimi com isso e tive que tomar remédio, foi bem complicado. Quando deu uma brecha, a direção me convidou para trabalhar só nos anos iniciais, então elas viram a minha dificuldade, que eu não tinha o perfil para aquilo, e eu consegui avançar. A coordenação eu não esperava também e, segundo elas dizem, foi por conta do meu trabalho, estou sempre disposta a ajudar mesmo não sendo a minha área. A coordenação cuida dos professores, eu vejo como é o trabalho deles, eu tenho que elaborar reuniões, a pauta das reuniões, eu cuido se o conteúdo deles está adequado; os alunos também é comigo, se eles estão com algum problema, atendimento com os pais é sempre comigo junto com professor e direção. Essa parte pedagógico com os alunos e com os professores. Eu evolui bastante, quando eu comecei, lá em 2009, eu tinha um tipo de material e eu venho sempre me atualizando. Hoje mesmo eu comentei em aula que eu tenho uma aluna que é repetente, e ano passado ela chegou aqui na escola vinda de uma realidade totalmente diferente e fraca, muito fraca. Eu puxo bastante, eu sou boa, sou amiga, mas eu puxo. Então ela chegou aqui muito fraca, não conseguia nem fazer uma interpretação de texto, e ela chegou no final do ano e não tinha condições de passar, já estava muito melhor do que quando chegou, mas acabou repetindo. Mas hoje eu disse para ela que ela está com o perfil de aluno da Chris, que sabe pensar, que tem um raciocínio lógico e rápido na matemática e que consegue interpretar um texto e ela concordou. Então eu vi essa evolução dela e isso é gratificante.

(como você procura contribuir para o futuro dos alunos) Na questão da aprendizagem, eu falo em aula que eu dou conteúdo avançado porque eu quero que eles sejam alguém, que o que eu passo para eles faz com que tenham condição de fazer um concurso, de ingressar numa universidade. Claro, 5º ano. Eu costumo dizer que o 5º ano costuma ser mais difícil que o 6º, porque no 6º ele já tem vários professores, e eu no 5º já treino eles para chegar no 6º e eu não ouvi nenhuma reclamação. Porque eles já estão treinados do além. E fora outras coisas, como valores que eu tento passar, sempre tiro do conteúdo alguma liçãozinha de moral.

(realidade dos alunos e sua influência na aprendizagem) Quando eu não era mãe eu achava que era totalmente negativa (liberdade dos filhos), mas quando a gente se torna mãe isso muda um pouco, porque eu também me sinto culpada de trabalhar o dia todo e não ter tempo para ela, então as vezes a gente acaba mesmo fazendo coisas que não deve para aliviar a culpa de não passar tanto tempo com eles. Eu acho que tem que dosar, tu não pode dar tanta liberdade porque isso vai refletir na escola. Eu fico penalizada de não poder ficar mais tempo com a minha filha, mas eu sempre falo para ela que na escola ela tem que se comportar, tem que obedecer o professor, que ela não pode fazer má criação. Com a criança o que funciona é a repetição.

(responsabilização dos professores pela educação) Eu acho que tem que ter uma ajuda mútua entre pais e professores, eu acho que a educação vem de casa mas o professor reforça. Não tem como separar. Porque a gente fica quatro horas e durante um ano convivendo com os alunos, então vai refletir. Nem sempre a gente consegue mudar essa realidade dos alunos, essa má educação. As vezes não tem resultado porque em casa a gente não tem ajuda e vem de casa, é de berço, mas a gente tenta.

(o que aprendeu) Muita coisa. Tu sabe que logo que eu ingressei na escola eu não queria mais ter filhos, daí depois a gente claro que muda de ideia porque a gente vai aprendendo tantas coisas. Mas vai ser teu, diziam. É, mas vai ir para a escola e eu não quero que ela faça com os professores o que eu já passei com alguns alunos. Mas é tudo uma questão de criação. Eu aprendi a ser mais tolerante, eu sempre fui altruísta mas acho que fiquei mais, mais de me doar, não ser tão explosiva, o que eu era quando mais nova, então tudo tu vai aprendendo tanto com colegas, ser mais flexível, então tudo é aprendido, para melhor.

Apêndice E – Transcrição entrevista Maria Ivonete Siminoni

(realidade escolar) É em torno de 340 alunos; 186 no turno da manhã e 174 de tarde. Toda escola pública de periferia é com alunos com poder aquisitivo bem baixo. Quanto ao aproveitamento escolar deles, acho bom. Os maiores, dos anos finais, essa gurizada hoje não tem muita vontade de estudar, como no tempo da gente, mas até não temos um índice de reprovação tão elevado. E é uma boa escola para a gente trabalhar, todo mundo que vem aqui gosta, apesar de ser uma área que todo mundo tem um olhar bem negativo, porque tem muito ponto de venda de drogas, mas é uma comunidade bem tranquila, os alunos são bem bons (pode ser usado para o perfil, como o olhar de fora às vezes é enganoso).

(os alunos são basicamente da região) Não, nós temos alunos de todas as partes da cidade, eles vêm da Brenner, lá do Parque Pinheiro Machado, do Boi Morto, do Alto da Boa Vista, de Camobi, tem alunos que vem de bem longe. A grande maioria é daqui, mas tem alunos que vem de bem longe.

(história com a educação/por que escolheu) Na realidade, quando eu fiz vestibular, a gente podia escolher duas opções e a minha segunda foi educação física, eu queria mesmo era fisioterapia. Fiz o curso achando que não era para mim, mas fiz e depois eu comecei a fazer estágio e me encantei. A educação física dá um retorno muito bom para o professor, eles gostam muito e é uma coisa que eu não me arrependo, eu achei que ia fazer a faculdade (meu pai cobrava muito que nós tivéssemos um curso superior), mas no momento em que eu comecei a fazer o estágio e ter o contato, que tu cai na real sobre como vai ser a tua vida, foi uma coisa que me encantou e comecei a gostar muito e gosto até hoje.

(o que fez até chegar onde está) Eu sempre dei aula de Educação Física, por 26 anos. Trabalhei quatro anos no laboratório de informática, porque eu tenho 40 horas, então 20 eu sempre dei aula de EF, e nas outras 20 por um tempo eu trabalhei no lab. de informática no contraturno com os anos iniciais, que foi também um trabalho muito interessante, que é trabalhar com currículo, que não é minha formação, então foi uma coisa bem boa. Comecei no Perpétuo Socorro, fiquei lá por 10 anos, no primeiro concurso. No segundo concurso eu vim para cá, daí como surgiu a oportunidade, eu moro aqui perto, a diretora me puxou para cá e não sei mais. Na sala de informática eu

auxiliava os professores nas aulas, tudo o que era trabalhado em sala de aula, era trabalhado na prática nos sites educativos no laboratório, usando jogos e programas que tem, era bem interessante, as gurias sentem muita falta, porque quando eu saí não veio ninguém para o cargo.

(dificuldades) Eu acho que é a falta de investimento público, de políticas públicas. Tanto que as nossas verbas foram congeladas por 20 anos, nós recebemos uma verba de 1.300 para dar dois lanches para 340 alunos.

(como lidam com essas dificuldades) A gente economiza ao máximo e prioriza a merenda, a gente até tira dinheiro do próprio bolso para poder dar a comida, porque esse ano está bem difícil dar merenda todos os dias. E tem 40% da verba que eles dão pra agricultura familiar, então vêm os produtos. O que a gente compra é carne, massa, arroz, salsicha, esses dias a gente ganhou leite, a gente vai procurando variar. Mas está bem difícil, até o ano passado dava para todos os dias tranquilamente, esse ano a gente está se vendo aos tapas para poder dar todos os dias.

(o que te faz continuar na educação) No meu cargo, eu acho que a gente pode ajudar muito as crianças, porque as nossas crianças tem muitos problemas, que sofrem abandono por parte dos pais, muitos vem de classes sociais que tem pais presos. Mas o bom de tudo é que a gente pode ajudar, agora mesmo dois alunos nossos perderam a mãe aos 35 anos de idade, então a gente procura dar aquele suporte, a gente está sempre procurando ajuda-los de uma maneira ou de outra. A gente conseguiu, a partir de um convênio com a universidade, oftalmologista de graça para eles, quando precisam eles ganham óculos (isso no ano passado). Esse ano foi o dentista. Então a gente está conseguindo que eles arrumem os dentes, então é ajudar as crianças.

(de que forma a escola pode melhorar a realidade dos alunos) Tentando conscientizar eles da importância de ter um conhecimento razoável para enfrentar o mercado de trabalho. É nesse ponto que a gente mais bate, que eles precisam estudar, que eles não estão estudando para ninguém a não ser para eles e que a única maneira que eles tem de sair da pobreza em que eles se encontram é estudando. Isso é algo que a gente bate diariamente, tentando conscientizar que eles precisam estudar, que eles não tem outra saída a não ser o estudo.

(se sente responsável pela formação dos alunos) Acho que todos nós somos responsáveis, tanto que a gente está sempre procurando, tem alunos, principalmente os maiores, que tem outros interesses, então a gente se preocupa quando eles não estão indo bem, quando não estão entendendo, então os professores nos passam a situação, a gente chama, conversa, se eles não melhoram a gente chama os pais, pede a ajuda deles, a gente se preocupa bastante.

(o que aprendeu com a educação) A gente aprende muito todos os dias. A gente aprende a ceder, a ser mais flexível, aprende que muitas vezes as coisas não são como a gente quer, que a gente não pode se frustrar porque as coisas não saem ou não são exatamente como a gente gostaria de fosse, a gente aprende a trabalhar dentro de um sistema precarizado, dentro de um sistema que não é como a gente gostaria de fosse, a gente tenta se superar para fazer o melhor para os alunos, é uma superação diária (educar pela superação).

Apêndice F – Transcrição entrevista Janete Wouters

(realidade dos alunos) eu posso dizer que a maior parte dos alunos vem de uma família que não segue uma estrutura familiar padrão, muitos deles moram com padrastos, madrastas, famílias de poder aquisitivo de médio para baixo, às vezes eles chegam sem ter o que comer, sem preocupação com o vestuário, muitos são carentes.

(sobre o cargo) Ano passado eu estava como professora de sala de aula, esse ano na função que estou faço alguns atendimentos. Os professores me encaminham aqueles alunos que estão ou sofrendo bullying, ou fazendo bullying, então eu tenho trabalhado mais a parte de comportamento. Me encaminham ou agressão física, ou verbal, bem questões de comportamento, ou aqueles que não estudam, que precisam ter aquela prática de estudo, daí eu converso com eles isso, com alguma atividade da sala de aula ou até a preparação do dia da família, eu tenho incentivado que eles participem, que eles são capazes, que eles podem, converso a questão do futuro, que eles podem ser qualquer coisa, o que eles quiserem escolher, a profissão que eles quiserem seguir, eles podem desde que eles queiram e se esforcem para isso.

(por que escolheu a profissão) Na verdade eu não terminei meu ensino médio em Santa Maria, terminei no Nordeste. Quando eu voltei para cá, me matriculei no vestibular da federal em letras-inglês. Daí eu passei, primeiro semestre estava em dúvida, tinha 16 anos, eu não tinha noção se era aquilo que queria, por isso eu tenho dúvida na opção no ensino médio por jovens, porque eu passei por isso. Eu tinha dúvida e quando terminei o primeiro semestre da faculdade, nos primeiros meses eu quase chorava por não saber se era aquilo que eu queria, quando comecei o segundo semestre, comecei também a me achar no curso e no ano seguinte é que comecei realmente a gostar, e eu acho que é a profissão que foi feita para mim. Eu realmente gostei do curso e antes de me formar eu comecei um estágio e já fui contratada por uma escola particular e já segui dando aulas de inglês para turmas de ensino médio. Me formei em final de 85 e trabalho desde o início deste ano.

(experiência em sala de aula) Sempre fui professora de sala de aula. Eu dei aula quatro anos no seminário São José, aulas de inglês para ensino médio e fundamental, todas as turmas. Depois eu passei em um concurso do estado, comecei a dar aulas na escola castelo branco, fiquei lá durante sete anos. Quatro anos depois, paralelamente, em um

segundo concurso, eu assumi a escola Maria Rocha, com o ensino médio. (Escola Castelo Branco: eu tenho muito carinho por essa escola porque quem deu foi o meu avô, então a educação vem de família. As crianças não tinham como ir para a escola, porque antes não tinha nada próximo, e lá no Boi Morto tinham duas estradas, não existia transporte, não tinha ônibus, só carroça ou charrete, só tinha um jipe, que era do meu pai, e então meu avô pediu para um senhor que foi fazer campanha política se ele poderia abrir uma escola que ele daria o terreno. O senhor disse então que se quisessem mesmo que ele doasse o terreno e sairia uma escola ali, meu avô disse que o importante era as crianças terem como estudar e então foi feita essa escola lá. No início foi uma escola de madeira, pintada de amarelo, com as janelas azuis. Agora já é uma escola grande, de material, já com ensino médio. O nome do meu avô está na biblioteca, Antônio Alassia. E tem uma praça lá, que foi até inaugurada, entre os quartéis, chamada Catarina Bordin Alassia, que é o nome da minha avó. Justo por esse sentir, pelo que eles representavam para a comunidade.).

(maiores dificuldades da educação) Bastante complicado. Os alunos não têm mais o hábito de estudar, tem muita liberdade. Então na educação, assim, a gente prioriza ensinar, mas essa responsabilidade que a família está passando para a escola de educar no sentido de educação básica, desde questões de respeito. Então a família passa esse trabalho. A questão até mesmo de higiene, de saúde básica preventiva, ou as crianças vem sem material mesmo tendo as coisas em casa. Acho que não existe uma cobrança de responsabilidade, então os professores acabam sofrendo com isso, porque o aluno chega sem material, não tomou café da manhã, briga com o outro, se distrai. Então tem alunos que chegam no 3º ano e ainda não estão lendo, também pela questão do bloco pedagógico (as crianças deveriam ter começado a ser alfabetizadas no primeiro ano, vai aprofundando os conhecimentos no segundo, e no terceiro ele concretiza esse saber básico, e o que aconteceu foi que a primeira ideia que se teve foi que a alfabetização se daria nos três anos, já que o aluno não reprova do 1º para o 2º, nem do 2º para o 3º, independente do conhecimento ele vai passando, então esses alunos que tem chegado no 4º ou 5º ano agora, para alguns professores esses alunos que não foram alfabetizados lá na base, estão sendo mais difíceis de lidar). Mas a maior questão da educação é a parceria entre família e escola que está faltando. Se eu der uma tarefa, uma atividade para ser realizada em casa, 80% não faz. E isso das turmas em geral, pode ser dos pequenos, como os grandes. (qual a causa disso) Eu acho que eles se envolvem muito

com a tecnologia, mas não sabem usá-la a seu favor. Porque a maioria, mesmo que sejam carentes, eles tem televisão em casa, tem rádio, muitos têm internet, ou acesso a ela, celular muitos tem também, só que não canalizam também para o estudo.

(como se superam as dificuldades) Olha, eu também queria saber. A gente vem tentando, essas questões do primeiro ano, a gente vem trabalhando junto com a coordenação pedagógica, muitos alunos têm dificuldades, outros verificamos agora com um teste da universidade que não estavam enxergando bem, e já estão sendo encaminhados para um oftalmologista, se faz um teste básico na escola e nós estamos pedindo que as famílias levem as crianças até o consultório, que nós agendamos, a família tem que só levar o aluno. Inclusive os óculos eles vão ganhar. A questão da tarefa, a gente tá sempre falando da importância, a gente passa nas salas, sempre. A conversa vem acontecendo, os professores tem feito um trabalho excelente, o pessoal do primeiro ano está puxando mais ainda para conseguir alfabetizar, mas é difícil nesta situação que a gente encontra de diversidade de alunos e comportamentos na sala, o que já existia antes, mas antes os alunos parece que obedeciam mais, vinham mais regrados de casa. Não é que não se queira a participação dele, porque o aluno bom não é aquele que fica quieto, não precisa ser só aquele que fica quieto, apesar de ser muitas vezes mais fácil trabalhar com ele, mas o aluno que conversa, também o aluno que participa, enriquece muito mais, dá prazer em trabalhar em uma sala de aula onde tem alunos que participam, mas não com assuntos aleatórios. Esses dias um aluno estava com sono, cansado, e perguntei o dia-a-dia dele, que sai da escola as 17h30, chega em casa, larga a mochila e espera baixar um pouco o sol e vai jogar futebol, volta para casa a meia noite, olhei um pouco de televisão, jantou e foi dormir. Às 9 horas acordou, assistiu televisão, tomou banho, almoçou e veio para a escola. E que horas tu estuda? Eu não estudo, eu venho aqui para a escola. Essa falta de cobrança familiar dificulta o nosso trabalho. Eu acho que no momento que a família põe a mais facilita. Não digo que é uma fórmula mágica, mas que mudaria.

(o que te faz continuar na educação) Paixão. Achar que ainda consegue transformar o mundo. Eu acredito que as pessoas possam mudar, que as crianças e as famílias vão (até esses alunos que agora possuem liberdade demais, quando eles forem pais talvez entendam que isso não é tão bom, o quando enxergarem que os colegas estão tendo um futuro, estão seguindo). Mas faço porque gosto mesmo, senão não estaria aposentada do estado, sigo trabalhando aqui e continuo estudando, ingressei em um mestrado esse ano,

com educação, então acho que isso prova que realmente é gostar, eu ainda aposto na educação, acho que é tudo, para mim é tudo.

(de que forma você acha que pode contribuir para melhorar a realidade deles) Aqui nesta escola nunca teve orientador, é o primeiro ano que tem, então realmente é uma experiência que a gente está fazendo, também é o primeiro ano em que eu atuo na função, então eu tenho curso, atuei muitos anos como coordenadora pedagógica, paralelamente a dar aulas, também exerci função de auxiliar de vice-direção, também fui coordenadora do concurso literário municipal. Então eu acho que esse trabalho de ir na sala de aula, conversar com eles, desenvolver essas questões de cidadania, esses dias me disseram que o lixo no pátio já diminuiu, era papel de bala, de biscoito jogados no chão, mesmo tendo a lixeira ali, isso é uma questão de cidadania (mas tem a fulana para limpar. Não é assim que funciona), as classes eles também estão cuidando, cada um é responsável, porque se é público não é porque não é de ninguém, é porque é meu e teu também, e eu quero que tu cuide. Então acho que essas pequenas inserções, mostrando de forma concreta que aquilo ali, teus atos, influencia.

(como são essas conversas com os alunos) Eu aproveito alguns momentos, às vezes o professor me chama para trabalhar algo, falar alguma coisa com algum aluno, então esse aluno vem, quando eu levo esse aluno de volta para a sala de aula, eu olho para a sala, e se eu enxergo alguma coisa digo: gente, olha aqui aonde é que eu estou chegando? Imediatamente alguém já disse assim, não fui eu, mas eu vou juntar. Eu digo olhem aqui como está isso, vocês gostam disso na casa de vocês, é assim? Mesmo com os adolescentes, eles vão juntando, vão fazendo e eu acredito que eles melhoraram. As meninas da limpeza dizem que sabe quando eu passo na sala de aula. Não é 100% ainda, mas vai chegar lá.

(como buscava mudar a realidade dentro do seu curso de formação) Eu sempre mostrei para eles a importância daquilo que eu ia trabalhar. Hoje não tem mais o acento diferencial, mas até se eu fosse trabalhar a questão de acentuação, eu colocava um texto e dizia, ó gente se vocês escreverem essa palavra errada, não vai se entender. Digamos o “pára”, do verbo parar, que ninguém usava o acento, depois todo mundo reclamou quando caiu, se eu dissesse “a chuva para São Paulo”, está no texto, não tem acento nenhum, então quer dizer que vai chover em SP, mas não, quero dizer que a chuva foi tanta que parou SP. Tinha o acento, agora não tem mais, mas quando ele existia eu

colocava exemplos assim, mas ó, isso aqui não é isso; questões de ortografia, quando trabalhava o português, cuida, parece que vocês estão dizendo isso, mas estão dizendo aquilo. Ai depois o português começou a ficar mais difícil, porque como eles não leem muito, eu dizia para eles que a prática da leitura é como fazer um exercício, se tu não és habituado a um exercício físico, e tu vai daqui até a esquina e leva 10 minutos para chegar lá, a primeira vez que tu pegas um livro, ele pode ter 10 páginas e tu vais levar o dia inteiro para ler uma, mas se todo o dia tu fores a essa esquina, vai chegar o final do mês tu vais estar levando dois minutos para chegar até lá e assim tu também vais estar lendo essas 10 páginas em um dia. Então eu colocava a questão da leitura pelo habito, que o cérebro também se desenvolvia, sempre teve questões práticas assim. Eu já fui professora dos alunos, dos pais e dos avós, aqueles alunos com os quais eu trabalhei lá no ensino médio quando eu entrei e tinha 19 anos e alguns alunos tinham praticamente a minha idade, então esses alunos foram pais, e ai depois como eu dava aula para o ensino fundamental, eu tinha alunos filhos deles, e depois fui para o ensino médio novamente eu os encontrei de novo, já fui professora de pais e filhos. Mas é o que eu te digo, para mim não só o dinheiro é a maior mola do mundo, a educação também é, pena que as políticas educacionais nem sempre são direcionadas. A tentativa é que se direcione para o bem.

(a realidade influência na forma como eles se relacionam com a educação) Acredito que sim, justamente com essa convivência familiar, mais ou menos valor, ou não tem, está em uma família, com o avô, com a avó, os pais não ligam, os avós passam o dia inteiro trabalhando fora, ou são mais velhos e ficam com um tio, que não dá muita atenção, não acompanha, que eu acho importante acompanhar o dia-a-dia dos filhos na escola, não precisa vir até a escola, mas que olhe, pelo menos no final de semana, o que ele aprendeu, o que foi feito, o que está sendo pedido, ver se tem algum bilhete, então eu acho que sim, se a família não dá atenção, se eles tem um ambiente bom, onde todo mundo estuda, onde todo mundo vislumbra um futuro, eu acho que é diferente.

(a realidade influência de forma positiva na vida escolar dos alunos) Se esse ensinamento que eles trazem for negativo e eles conseguirem ver que está errado, eles vão trazer uma grande volta para a sociedade em não fazer aquilo que eles viram acontecendo na sociedade em que eles vivem. Por exemplo, presenciar uma agressão (gostou? Não) então procura não se envolver com isso. A sociedade assim vai ter o cidadão melhor, desde que ele saiba discernir e fazer o correto.

(se sente responsabilizada pela formação dos estudantes) Não vou te dizer que me sinto responsabilizada porque das ações dele eu não posso, mas eu me sinto responsável naquilo que eu faço, diante das minhas escolhas do que trabalho com eles. Chegou hoje uma mãe e me disse “ah professora, a senhora tem que educar o aluno para não fazer...”, eu disse, “não, só um pouquinho, isso é de casa”. Então, a família cobra da escola sim, a função que é dela, ela quer passar para a escola, uma função social, psicológica, a própria questão da responsabilidade da família, que a família tenta passar para a escola e dizer que é por parte do professor, sim. Eu posso tentar ajudá-lo em alguma coisa, mas o que é da família é da família. A gente tenta ajudar, mas eu não posso também interferir; todo aquele ponto que eu posso dar apoio mesmo sendo questão da família, eu dou, mas não posso assumir também o que não é.

(a escola tem uma boa relação com as famílias) Nesse aspecto eu convivi muito pouco, mas essa mãe que vem até a escola por vontade própria para se informar sobre o filho, saber como está o filho, que não são muitas, a relação é tranquila. Acredito que também a família esteja aqui na volta, quando coloca o seu filho na escola, faz isso confiando no nosso trabalho.

(o que aprendeu nos anos de sala de aula) Acho que aprendi a ser mais tolerante, a conhecer um pouco mais o aluno, a ver a questão da realidade que nem sempre é o “não aprende porque não estudou”, às vezes havia alguma coisa por trás deste não aprender, como uma questão que já disse, do caso dos alunos que não estavam sendo alfabetizados por problemas de visão. Então a gente aprende a reconhecer. Às vezes um aluno sob o efeito de drogas, a gente começou a reconhecer, ver o perfil desse aluno. Aluno que é agredido, que sofre abuso, então a gente aprende, não que se reconheça sempre, mas em alguns casos foi possível perceber, encaminhar e pedir ajuda. A gente aprende com tudo aquilo que o aluno trás para a gente, que cada um tem seu tempo, por isso que eu te digo a questão de tolerar, a gente também aprende alguma coisa de trabalhar até mesmo alguma coisa diferente, outra abordagem, ver a questão do trabalho em grupo, que eles também aprendem assim, o trabalho com consulta, que os professores não acreditam e eu usei muito, trabalho de pesquisa e consulta, e vi resultado, acontecia aprendizagem dentro dessa abordagem. O dia-a-dia todo ensina para a gente.

Apêndice G – Transcrição entrevista Liliana Pincolini

(realidade da escola/alunos) Essa comunidade com a qual a gente trabalha tem alunos de baixa renda, é um local envolvido em notícias de tráfico de drogas, mas dentro da escola, no geral, a gente não pode se queixar, porque não entrou aqui, o espaço é respeitado por eles, então são alunos bons de trabalhar. Não são alunos que tenham conflitos, dá para dizer que das escolas municipais é uma escola tranquila de trabalhar, por ser nessa comunidade, que quando a gente fala que dá aula na Carolina causa espanto. Por isso que talvez os professores que vem para cá, fiquem e se já estiveram, voltem, porque é bom de trabalhar aqui.

(qual a relação com os alunos devido ao cargo) A coordenação é mais com o professor, organizar a questão de formação, de estudo, de práticas pedagógicas. Mas eu acabo visitando seguidamente as salas, até para ouvir, conversar com eles, para ver o que eles estão achando das aulas, para eles sugerirem, então assim, a gente escuta muito eles também, embora eles não tenham ainda um amplo conhecimento de dizer talvez precise mais isso ou aquilo, até porque eles ainda estão no nível fundamental, mas eu gosto muito de ir na sala de aula, eu visito, converso com eles, como esse caso da leitura, que eu fiquei preocupada que só um numa turma estava indo na biblioteca retirar livros, e a gente sabe que a leitura é fundamental para eles ter uma criticidade, ter depois uma prática cidadã, autônoma, independente, então a gente preza muito. Eu sempre coloco para eles que não é só fazer uma universidade, tu podes ser culto, ter uma cultura, ter uma capacidade de ler o mundo através da leitura, tu não precisa só tendo um diploma. Porque muitas vezes tu tens um diploma e não tem esse conhecimento que tu adquires através dos livros. Então eu me preocupo muito.

(histórico como professora/porque decidiu estudar história) A influência de estudar história veio dos professores de história. Eu sou de uma família que nem o pai nem a mãe tem estudo, o meu pai era pedreiro e minha mãe dona de casa, e ambos eram agricultores em Silveira Martins, vieram para Camobi um pouco antes de se casar, e a minha vivência (infância) foi toda ali, perto da universidade. E eu morava bem perto da Criança com câncer, meus pais moram ali, perto da Avenida Roraima. Então, na família meus pais sempre estimularam que era importante estudar, que a gente tivesse um futuro melhor que o deles, lá em casa eu sou a mais nova e todos nós fizemos faculdade ali na federal, dois como professores, a minha irmã se aposentou esse ano, ela foi funcionária

lá da ufsm, formada em contabilidade. A minha outra irmã é formada em administração. E eu devo essa escolha aos meus professores, eu estudei no Vicente Farenzena e depois no Margarida Lopes e em ambos os colégios eu gostava de saber como era o passado, já me atraía isso, esse tipo de leitura, então a minha escolha foi pelo exemplo dos professores. A minha escolha foi sem dúvidas, chegou a hora de escolher, eu fui para a área de história.

(que outros lugares da aula) Eu tenho 20 horas no estado também. E fiquei em torno de 15 anos em uma escola da Tancredo Neves, na escola Paulo Lauda, faz três anos que eu fui para o Celina (outra escola estadual), lá eu trabalhava com o ensino médio. A realidade tanto do ensino médio, quanto do fundamental, é a mesma, são alunos de periferia. Eu, particularmente, gosto de trabalhar com aluno de periferia, porque eu acho que parte disso, eu era de periferia, então a gente se identifica. Até a própria história de vida serve como um estímulo para eles, eles dizem para a gente que não vão conseguir, e eu digo que também passei por tudo isso. Até às vezes eu conto para eles que também tive que ir para a aula com calçado velho, costurado, então vocês também podem. A gente é o exemplo vivo de que pode, mas tem que querer, porque às vezes eles são muito desmotivados, a gente sente muito isso, então essa talvez seja nossa maior dificuldade, a desmotivação.

(dificuldades) A desvalorização do professor não é só salarial, existe toda uma desvalorização social do nosso trabalho, mas eu busco não me desvalorizar, eu até digo ao contrário, que o nosso trabalho é fundamental, as equipes de professores que eu lido, só tenho a dizer que graças a deus que nós temos pessoas que tem consciência da importância desse trabalho, porque realmente não é pelo salário. Se fosse por isso, não viriam dar aula, porque ao mesmo tempo em que tu pega uma turma mais calma, tu pega alunos com ampla dificuldade, que não são exatamente em questões pedagógicas, são psicológicas, que vem de fora, das famílias e isso influencia bastante na própria aprendizagem da sala de aula. Então o professor então na sala de aula sem saber o que vai encontrar naquele dia, naquele momento. Às vezes é um aluno chorando porque aconteceu alguma coisa fora, aí nós aqui vamos prontamente estar chamando, conversando, então aqui na escola a gente tem muito esse trabalho de cuidar, esse cuidado com o aluno.

(como lidar com a desmotivação dos alunos) Isso é um constante desafio. Como professora, eu tento que eles sugiram. O que vocês, como turma, gostam? O que vocês acham que tornaria minha aula mais interessante? Então, também como coordenadora, eu sugiro os professores fazerem. Eles colocam que gostam de filme, de ir para a informática, de desenhar e assim surgem todas as possibilidades. E a partir daquilo eu vou desenvolver a aula. Em cima dessas dicas que eles dão é que a gente prepara a aula, porque, o que acontece, as aulas, no termo tradicional, é o professor quem dá, ele não escuta o aluno, ele só segue aquele ritmo, então hoje a gente está tentando com os professores estudar novas teorias, novas formas, para que eles façam uma aula mais voltada para a realidade do aluno, para que não dê esse problema de o aluno não querer e a desmotivação é total, pior, porque decorar conteúdos não faz nenhum sentido para eles mais, então é um desafio bastante grande, mas o importante é começar, se desafiar. O Paulo Freire é fantástico, o Rudolf Steiner, a escola da ponta, que é a questão da “prova não prova nada”, eu pouco faço prova, mais é trabalho. Trabalhos de todos os tipos, mesmo sendo história, eu exploro. O Steiner é o desenho, a criatividade, então tu pode explorar muitas coisas, o conteúdo através de outras linguagens, não é só a escrita. Eu não vou dizer que os professores mais antigos são mais resistentes que os jovens, não existe isso, às vezes até um jovem é resistente, então não é uma questão de idade, eu tenho professores que estão se aposentando e são abertos a Paulo Freire, por exemplo. Tem gente que diz que o Freire está ultrapassado, Paulo Freire é uma utopia ainda, porque a educação tradicional ainda é dominante, infelizmente a gente ainda valoriza muito a prova escrita, as notas, a classificação, então temos muito ainda pela frente.

(o que faz acreditar na educação) Para mim a educação é o único campo que pode possibilitar uma grande transformação. Não adiante construir presídios, não adiante colocar polícia em todas as esquinas, se nós como professores e sociedade (na verdade educadores todos somos) não conseguirmos, com as nossas aulas, pelo menos plantar uma sementinha dessa possibilidade de uma mudança de tudo que está aí, a corrupção, violência, drogas, nosso trabalho é praticamente desnecessário, porque a gente já não ganha bem, então se a gente está aqui com outra finalidade. Eu digo que o professor é um semeador, assim como p.f. diz, o professor planta, o aluno dele também é ativo, é uma construção coletiva, para formar pessoas que tenham capacidade de transformar alguma coisa, se tornar sujeito. É disso que nós estamos precisando no Brasil, deixar de ser sujeito e ser sujeito. (outra professora: a gente se sujeitar a tudo isso, o que eu

mais odeio é a mídia). Depois que eu li um livro chamado Imagens do professor na mídia, infelizmente a gente nota que a mídia não está muito a nosso favor.

(como melhorar a realidade dos alunos) A nossa ação é para melhorar, nunca é para piorar aquela situação. No momento em que é para criar sujeitos e não sujeitados, aqui a gente tem a proposta, sempre eu converso com os professores, de que educar um aluno é fazê-lo pensar sobre aquela atitude e modificá-la e não chegar na sala de aula, gritar com o aluno e impor aquilo, isso para mim não é educação, é dominação. Tu estás na verdade domando as pessoas, sujeitando. Um exemplo, na fila do recreio, antes eles não se organizavam em fila, daí a Ivonete (vice-diretora) ficava lá chamando a atenção, e eu disse para ela não fazer mais isso, quando os professores chegarem na fila, eles vão se postar ali, vamos conversar com eles por turma, e que eles tenham essa postura de aguardar na fila, organizadamente, porque tem que ser assim, não porque nós temos que obrigá-los a ser assim, só por uma questão de organização. E a gente está bem feliz porque deu certo, não precisa gritos e xingar, essa foi a educação que nós recebemos, e nós não gostávamos dessa educação, então acho que parte por aí, a gente mudar pequenas atitudes na própria forma de falar com o teu aluno, de tratar ele, para isso não precisa da parte tecnológica, isso é questão de relação humana, melhorar as relações humanas, e a criança responde da mesma forma, tanto que nós estamos tendo essa resposta.

(a realidade influencia o modo como os alunos se relacionam com a educação?) Como eles são de famílias em que muitas vezes não tem ninguém que estude em casa, muitas vezes o professor é a única pessoa formada que eles conhecem, então olha a responsabilidade, porque eles têm que enxergar em nós alguém que é seguro, tranquilo, que sabe passar essa boa mensagem, até para que tu consigas fazer um trabalho com eles, a afetividade. Então é bem importante, quando tu estás numa turma e tu consegues tocar neles, sentir-se parte daquele grupo com eles, dificilmente tu vais ter um problema de aprendizagem. Porque tu chegas, pergunta, procura saber o que houve, por que tu não estás cooperando hoje, e ele vai dizer se viu uma briga em casa. Isso é constante, crianças chorando, querendo conversar com a gente, muitos problemas nas famílias. Hoje mesmo veio uma família na escola, teve tiroteio, então a violência é uma constante na vida deles. Eu fui dar um recado e a menina disse que é normal ter tiroteio, e eu disse para ela que pode até ser normal, mas a gente não pode se acostumar com esse normal, não é esse mundo que a gente quer. Estudar, ler, ver o mundo, e através disso mostrar

para eles que pode ter uma nova realidade, que o mundo não precisa ser assim, nessa realidade que eles estão, que todo mundo tem o direito de viver bem, ter uma casa, um emprego, lutar por isso. Todos tem que ter o direito de viver em harmonia, não somente alguns.

(responsabilização pela educação dos alunos) Eu acho que a gente tem uma importância ainda muito grande, principalmente para aqueles que saem no 9º ano, eles saem chorando, eles se despedem, eles perguntam se eles podem voltar à escola, e eles sentem muito isso em vista àquilo que eu te falei, aqui a gente cuida, conversa. Eles vão para uma escola maior e sentem essa diferença que existe, não vai ter como chamar o aluno para conversar, a gente faz todas essas tratativas e já em uma escola mais ampla é difícil fazer isso. Eu acho um absurdo aquelas turmas de 35 alunos, em que a professora entra um ou dois períodos por semana, imagina se a coordenadora, ou a vice, vão poder chamar o aluno para conversar, então pode ser bom para o governo não gastar, mas é péssimo para o aluno, para o crescimento pessoal dele, então ele não é visto ali como um ser humano, ele é visto ali como uma peça para o mercado de trabalho, como se estivesse formando um monte de pessoas para trabalhar por um salário mínimo. Eu explico muito isso para eles, que quanto mais estudo mais opções tu tens, tu não tens que ser sujeitado a ficar com o pior tipo de trabalho.

(o que aprendeu com os alunos/a escola) Eu aprendo todos os dias. Para nós professores o grande prêmio é esse, ver as pessoas se tornarem sujeitos, eles retornarem para nos dizer que estão formados, que estão bem, trabalhando, que se lembram das nossas aulas. E eu tenho uma colega que foi minha aluna, eu não lembrava, mas ela chegou para mim e disse que foi minha aluna no ano que comecei a dar aulas no ensino médio e que eu a influenciei a ser professora também, só que ela fez geografia. Nenhuma profissão tem isso, o reconhecimento de outras pessoas, porque tu trabalhas com o ser humano e tu podes até se aposentar e mesmo assim tu vais, por exemplo, no hospital e tem um aluno te atendendo. Em outras áreas tu não tens esse campo de pessoas que te conhecem, que passaram por ti. E aprender sempre, tanto que eu voltei a estudar, ninguém sabe tudo e ninguém não sabe nada, por isso tu aprendes com o outro e o outro te ensina. Esses dias aprendi com um aluno que foi para um desses locais para se recuperar das drogas, e ele contou a experiência dele em aula, nós estávamos trabalhando sobre os indígenas e de alguma forma surgiu a questão da maconha (é verdade professora que a maconha veio dos índios?) e assim a aula foi para esse tema, e eu expliquei historicamente como

usavam a maconha antes, como é usada hoje, fiz todo um retrospecto. E ele, lá pelas tantas, perguntou se podia contar uma experiência de vida e contou que era usuário, andava na rua e fui para uma dessas fazendas de recuperação. E ele fez todo o relato do que tinha acontecido com ele. Fantástico. E no fim ele disse, ele é um pouco mais velho que o restante dos alunos, para que eles: nunca façam como eu, porque para mim é um dia após o outro. Hoje eu dei uma aula na mesma turma e na hora de sair ele veio me dar um abraço. E ele disse, professora lá na minha casa todo mundo era usuário, não tinha escolha. Foi bem complicado, mas eu disse para ele que agora ele tem escolha. Nós professores não somos assim tão vítimas, só da mídia. Mas é que nós somos perigosos mesmo, nós queremos que as pessoas pensem, sejam sujeitos e isso é perigoso.